

# BARRO VERDE

|| ELSON FARIAS ||







C O L E C Ç Ã O  
**RESGATE**

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES





---

Governador do Estado do Amazonas  
*Eduardo Braga*

Vice-Governador  
*Omar Aziz*

Secretário de Estado da Cultura  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Secretária-Executiva  
*Delzinda Barcelos*

Coordenador de Edições  
*Antonio Auzier*

---

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor  
*Hidembergue Ordozgoith da Frota*

Editor  
*Renan Freitas Pinto*

\*\*\*

UNI-NORTE

Presidente  
*Waldery Areosa*

Reitora  
*Maria Ercília Tribuzy*

---

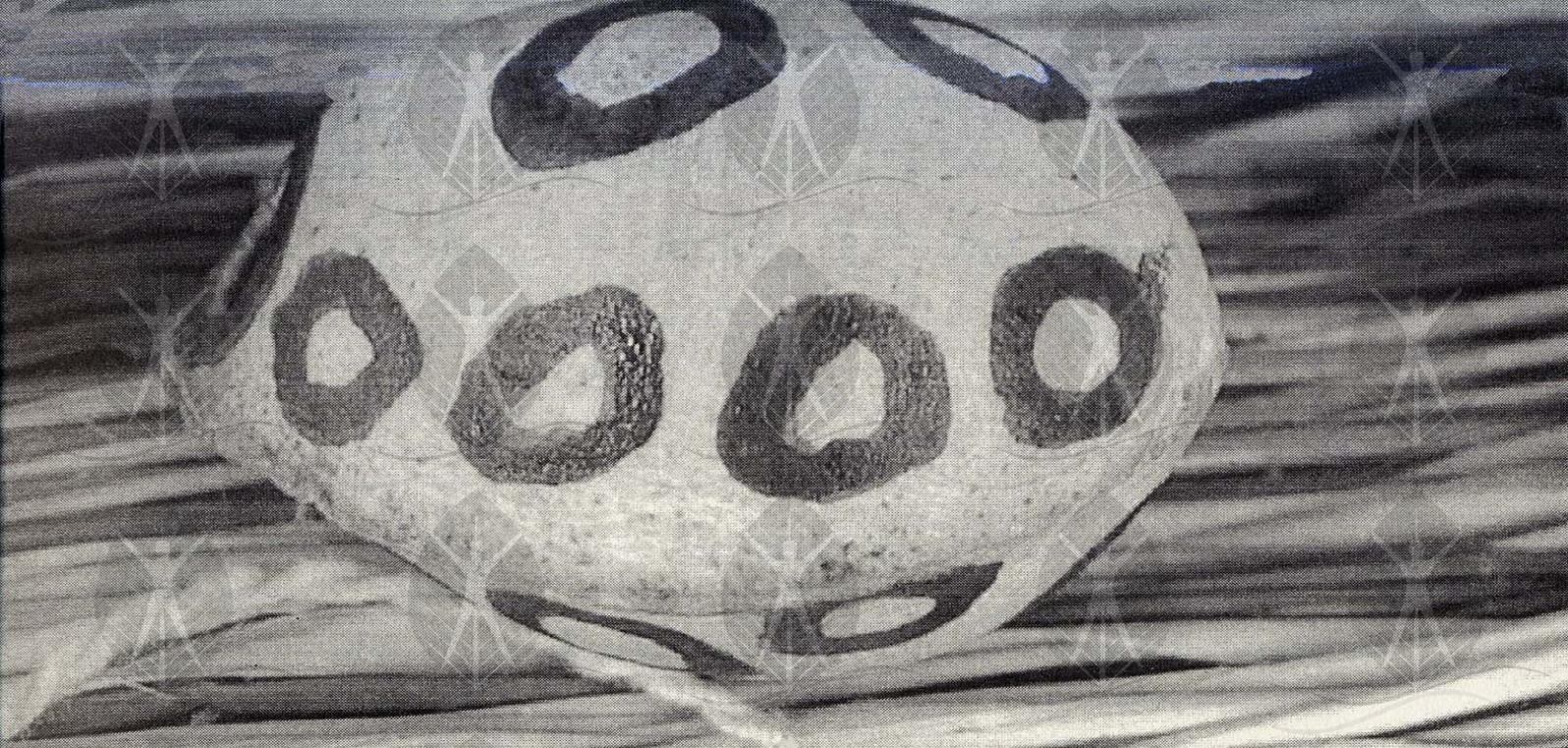
Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,  
Governador do Estado do Amazonas, Edua  
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede  
Amazônica e Rymo da Amazônia.

---



**UniNorte**  
Centro Universitário do Norte





# BARRO VERDE

*2ª edição revista pelo autor*

---

||| ELSON FARIAS |||

---

**Valer**  
EDITORA

CULTURA  
**Edições**  
Governo do Estado

**EDUA**

Copyright © Elson Farias, 2005.

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena  
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira  
Edimar Barros  
Sérgio Fonseca  
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

F224b Farias, Elson.

Barro Verde. / Elson Farias. Organização: Tenório Telles. 2ª edição –  
Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua /  
UniNorte, 2005.

64 p.

ISBN 85-7512-169-3

1. Literatura brasileira (Amazonas) – Poesia I. Título.

CDU 82-1 (811.3)

Editora Valer  
Rua Ramos Ferreira, 1195  
69010-120, Manaus-AM  
Fone: (0xx92) 633-6565  
E-mail: editora@valer.com.br  
www.valer.com.br

Editora da Universidade Federal do  
Amazonas  
Rua Monsenhor Coutinho, 724 – Centro  
69010-110, Manaus-AM  
Telefax: (0xx92) 231-1139  
E-mail: edua@fua.br

# SUMÁRIO

---

Clube da Madrugada – 50 anos de História ..... 9

Apresentação ..... 11

## BARRO VERDE

1 ..... 19

2 ..... 20

3 ..... 21

4 ..... 22

5 ..... 23

Cantata do lago em agosto ..... 24

Soneto ..... 33

Soneto em memória de Jorge de Lima ..... 34

Balada ..... 35

Soneto ..... 36

Romance do verde no verão ..... 37

Soneto ..... 40

Romance do banho ..... 41

Soneto mural ..... 43

Soneto do entardecer no porto ..... 44

Papagaio-de-papel ..... 45

Soneto ..... 46

Auto de pescaria ..... 47

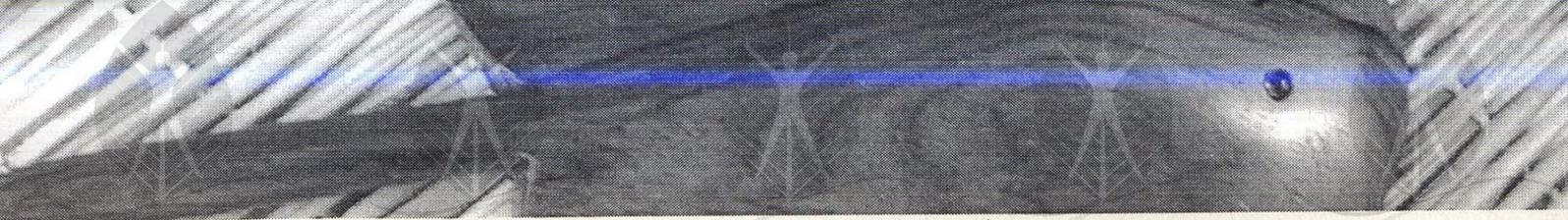
Elson Farias – Vida e Literatura ..... 51





CLUBE DA MADRUGADA - 50 ANOS DE HISTÓRIA





## CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam um anseio de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplidão cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas

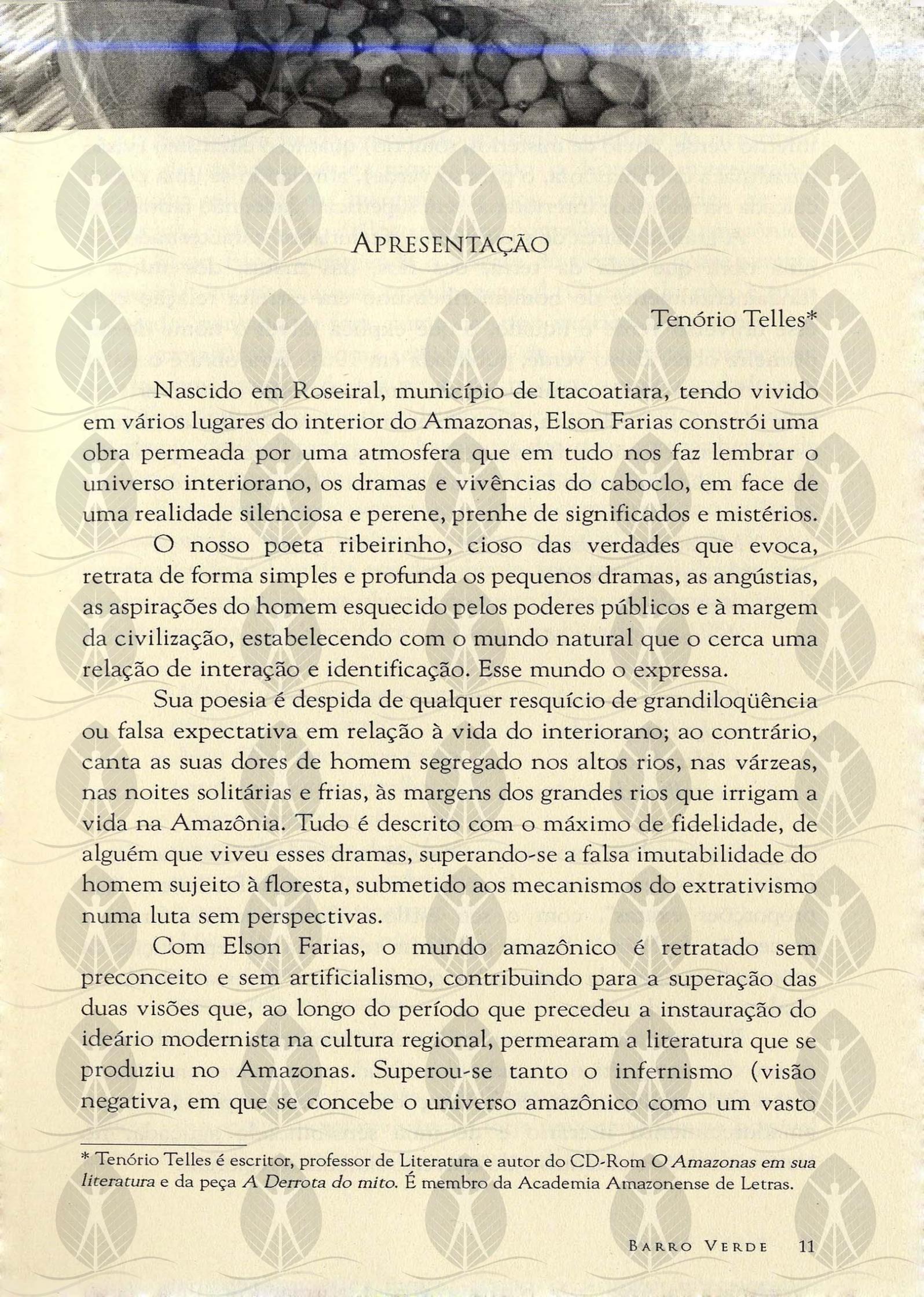
ações, tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores



## APRESENTAÇÃO

Tenório Telles\*

Nascido em Roseiral, município de Itacoatiara, tendo vivido em vários lugares do interior do Amazonas, Elson Farias constrói uma obra permeada por uma atmosfera que em tudo nos faz lembrar o universo interiorano, os dramas e vivências do caboclo, em face de uma realidade silenciosa e perene, prenhe de significados e mistérios.

O nosso poeta ribeirinho, cioso das verdades que evoca, retrata de forma simples e profunda os pequenos dramas, as angústias, as aspirações do homem esquecido pelos poderes públicos e à margem da civilização, estabelecendo com o mundo natural que o cerca uma relação de interação e identificação. Esse mundo o expressa.

Sua poesia é despida de qualquer resquício de grandiloquência ou falsa expectativa em relação à vida do interiorano; ao contrário, canta as suas dores de homem segregado nos altos rios, nas várzeas, nas noites solitárias e frias, às margens dos grandes rios que irrigam a vida na Amazônia. Tudo é descrito com o máximo de fidelidade, de alguém que viveu esses dramas, superando-se a falsa imutabilidade do homem sujeito à floresta, submetido aos mecanismos do extrativismo numa luta sem perspectivas.

Com Elson Farias, o mundo amazônico é retratado sem preconceito e sem artificialismo, contribuindo para a superação das duas visões que, ao longo do período que precedeu a instauração do ideário modernista na cultura regional, permearam a literatura que se produziu no Amazonas. Superou-se tanto o infernismo (visão negativa, em que se concebe o universo amazônico como um vasto

---

\* Tenório Telles é escritor, professor de Literatura e autor do CD-Rom *O Amazonas em sua literatura* e da peça *A Derrota do mito*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

inferno verde, cheio de mistérios, sombrio) quanto o edenismo (visão paradisíaca da Amazônia, o paraíso verde), afirmando-se uma poesia calcada na realidade interiorana, sem superficialidade, não fantasiosa.

A grande marca de sua poesia é o telurismo, caracterizado por uma obra que fala da terra, dos rios, das matas, dos mitos e fundamentalmente do homem ribeirinho em estreita relação com esse universo verde e líquido, o que explica talvez o nome de sua primeira obra, *Barro verde*, publicada em 1961. Esta obra é o golpe definitivo nas visões fantasiosas da Amazônia, seja a sua vertente infernista, seja a edenista. Afirma, num dos poemas de sua obra de estréia, sua profissão de fé à sua terra e em que evidencia sua profunda identificação com o modo de vida e com a realidade do interior:

*Me assumi no barro  
de capins e esterco,  
para o canto fresco  
das manhãs das várzeas*

*Força-me no verso  
– alguidar polido  
cuidar do canto  
e o talhar de estátuas.*

Superando o exotismo, a visão exterior da Amazônia, Elson Farias a descreve, como diz o professor Marcos Frederico, “em proporções exatas”, com o seu estilo definindo-se, conforme a percepção de Márcio Souza, por “uma tentativa de reprodução da própria linguagem da natureza”, vigorosa como a floresta e fluida tal qual os cursos dos rios.

Prosseguindo em sua temática e compromisso com a elaboração de um discurso poético em tudo identificado com o viver amazônico, Elson Farias publica, em 1963, *Estações da várzea*, expressão de seu amadurecimento literário e de uma sensibilidade aguçada, no tratamento dos elementos e do universo simbólico regionais.

Sua poesia funde o universo solitário e natural do ribeirinho numa densidade poética nova, tendo o homem interiorano, habitante solitário das margens dos rios, como o núcleo de sua elaboração poética, seu diálogo solitário com a imensidão amazônica.

Elson Farias empreende o resgate do homem, quase sempre esquecido em meio a esse mundo vegetal. O caboclo não é mais encarado, pensado de fora, como um tipo exótico e estranho, mas como protagonista de uma realidade e de um universo particular. Tendo como medida de sua produção poética a autenticidade, sua obra é a própria expressão da vida amazônica, um painel evocativo da existência dos habitantes das barrancas dos rios, companheiros da solidão e das intempéries do universo líquido da Amazônia.

Daí, talvez, seus versos eclodirem como ecos no silêncio vegetal, verde, “verso limpo de capins crivados”. Através de seus poemas é possível ouvir a voz do caboclo, seus sonhos e ilusões, seus medos e dramas, como se observa no texto “Pequeno Romanceiro do Rio Amazonas”, do livro *Ciclo das águas*, publicado em 1966:

- *Minha mãe, porque a coruja pia agora sem parar?*
- *Meu filho, certo que existe um defunto a amortalhar.*
- *Quero dormir minha mãe dentro das trevas desta hora, mas não posso me embrulhar, o meu lençol me apavora.*
- *Meu filho, dorme, não chora, que o dia não custa a vir, reza as três ave-marias, muda a roupa e vai dormir.*

Entregue à própria sorte, o habitante da floresta cria as suas táticas, seus meios de sobrevivência, forja uma convivência possível com a realidade natural. Por isso, o quase silêncio e a solidão que se

desprende de seus versos. Aliado a isso, o sonho distante com a cidade, projetado a partir dos dados fragmentados que capta no contato com o rádio, elemento de ligação daquela civilização esquecida com o mundo da cidade.

Vive, contudo, uma contradição advinda do fato de se sentir enraizado à terra, de não conseguir se libertar de seu universo misterioso, vegetal, que, se não é suficiente para explicar a sua existência, pelo menos a justifica.

Sem cair no fascínio que a floresta exerce sobre os que a miram, tampouco na visão negativa, repulsiva da selva, o poeta a concebe na sua dimensão imanente, real, em que a natureza não é algo superficial, um arranjo retórico, portanto, irreal, mas uma realidade palpável, geográfica e substancial, exatamente pela sua concretude, descrita de forma simples e luminosa, eivada de sensações pulsantes. Observe-se o texto “Romance do verde no verão”:

*Cascas de sol, claras, flavas  
canteiros, cactos, cravos  
verdes varais e papoulas  
que se partem dos cascalhos  
esmaltados*

*a manhã.*

*Por tristes servos, escravos  
de nossa herança, a cantiga  
do jardim nasce de insetos  
flavos e claros, luzentes;  
um traço pendido ao cone  
das mãos, pistilos imberbes,  
luz no verão das estacas  
como de folhas molhadas.*

*Verde verás que varia  
nossa vida a cada dia;*

*escuro, duro, mas gaio,  
turvo, às vezes, amarelo  
cavam-te os rudos besouros  
a débil nervura, a frágil  
tessitura do teu corpo;  
verde verdura, vazias  
mãos te enlaçam e te soltam,  
sequer te prendem as flores:  
– verde, vaga de cantigas  
rolando nos nossos dias.*

O diálogo de Elson Farias com a realidade interiorana não é o de um ausente, de fora para dentro, mas algo que surge de forma interior e substancial, o que se explica pelo fato de o poeta ter nascido e convivido dentro desse universo. Portanto, seu imaginário, bem como sua representação do mundo, sua consciência, foram permeados por esse universo regional, vívido e silencioso, sem que isso signifique ilhamento do autor. Sua informação literária é patente e, no caso desse poema, a influência de Federico García Lorca é óbvia. Em alguns instantes, o romance amazônico recorre a figuras e procedimentos do “Romance sonâmbulo” do poeta espanhol. Mas, o autor recompõe poeticamente as fraturas, imagens e cores desse mundo primitivo numa linguagem tensa, límpida e bem elaborada.

A matéria de Elson Farias é o cotidiano do ribeirinho, sua existência modesta, de gente esquecida e solitária, mas, ainda assim, vívida e cheia de encantamento. No dizer de Márcio Souza, o poeta “redige a poesia do êxodo e da desesperança, dos caboclos afogados em núpcias com a natureza”.

É verdade que Elson Farias percebeu os sinais dessa tragédia ribeirinha, elaborando uma poesia que, se por um lado é a constatação dessa contingência histórica, por outro é um esforço, um compromisso com o resgate dos sonhos e esperanças, das vivências e conhecimentos, forjados no convívio com o silêncio e o esquecimento.

O poema “As Visões”, do livro *Romanceiro*, publicado em 1985, é uma evidência de um discurso poético que tem como elementos o rio, a terra, a floresta, o homem, a vida de nossa região:

*Águas do dia e da noite,  
muito mais da maravilha,  
mais de imaginar o mar,  
as quilhas, as velas, a ilha.  
Quero usar do verso força  
para mostrar sem narrar,  
fica a figura talhada  
nunca a que foi só narrada.  
Vinha a lua sobre o rio  
com seus cardumes de brilhos,  
as aves grandes dormiam.*

.....  
*Ou nativo da origem  
deus limitador dos homens  
perdidos na terra virgem;  
têm coração de madeira  
os homens de barro e limo,  
raiz exposta na beira-  
rio-rio-do-destino.*

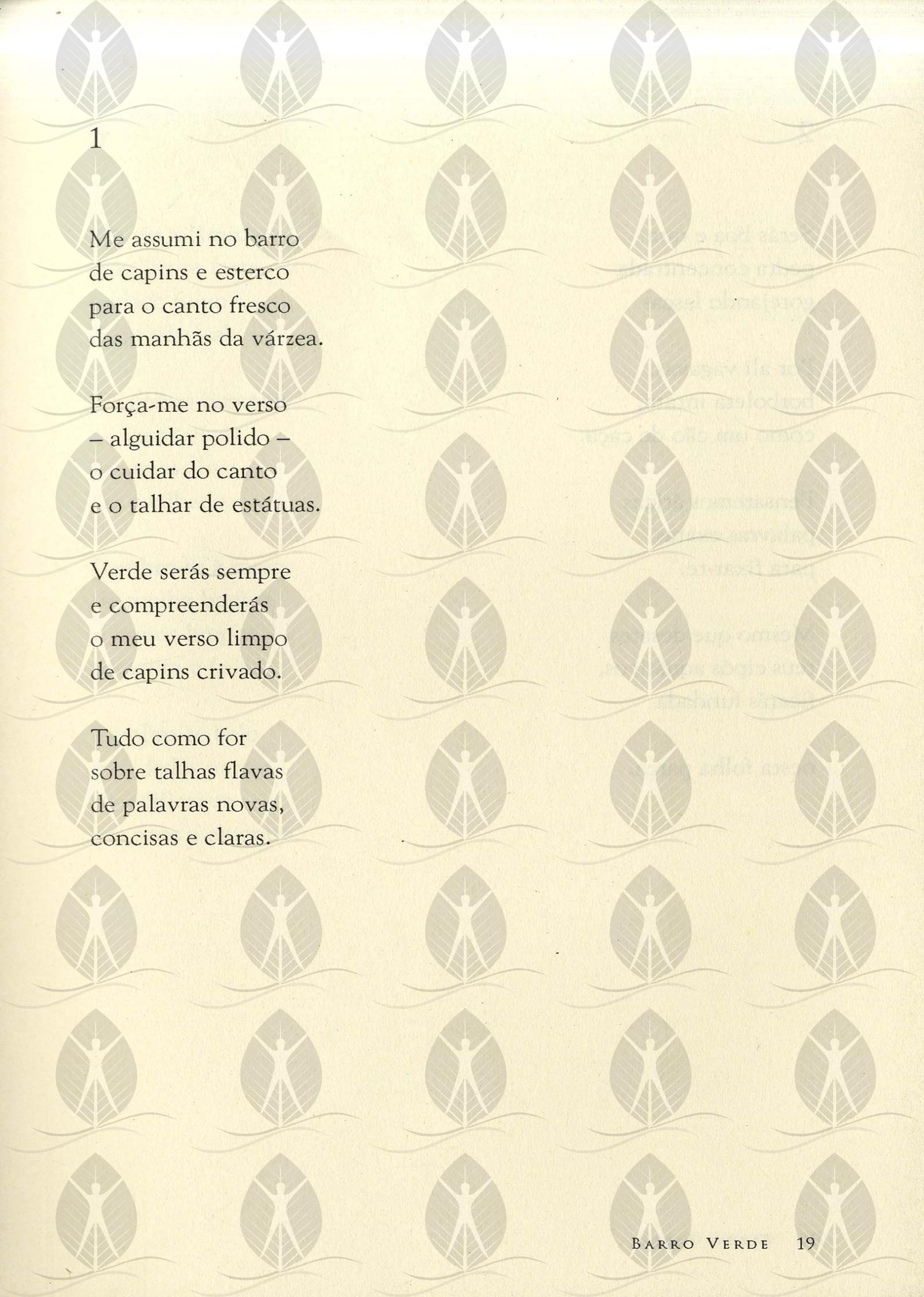
*Águas do dia e da noite,  
muito mais da maravilha,  
mais de imaginar o mar  
e as quilhas, as velas, a ilha.*

A temática recorrente na obra do poeta Elson Farias é o universo vivencial do ribeirinho, seus mitos, sua existência de barro e água, seu perceber infinito e silencioso, verde. Sua poesia é um testemunho sobre o viver interiorano. O escritor captura nas malhas de seu canto a atmosfera e os sentidos do mundo amazônico.

# BARRO VERDE







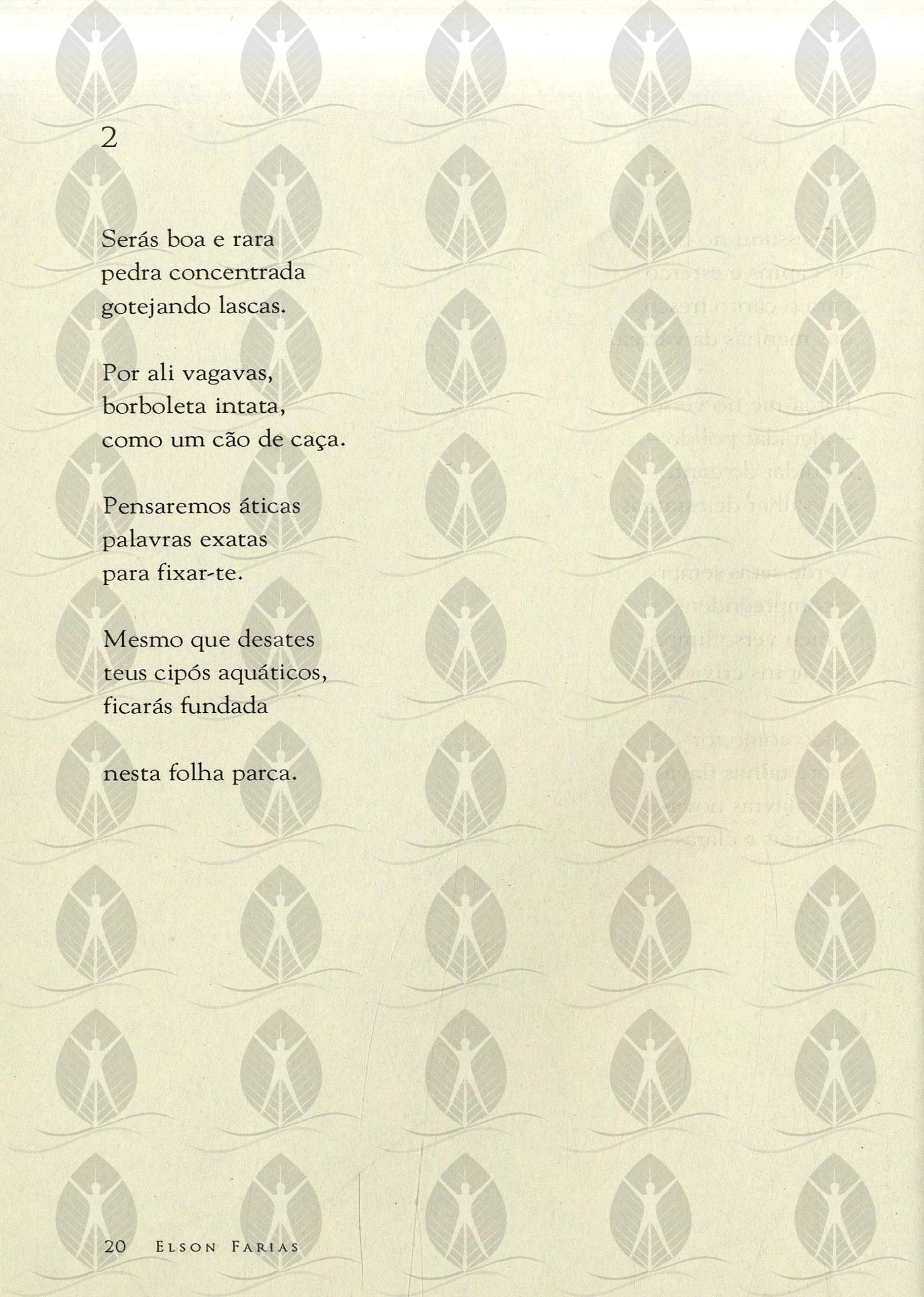
1

Me assumi no barro  
de capins e esterco  
para o canto fresco  
das manhãs da várzea.

Força-me no verso  
– alguidar polido –  
o cuidar do canto  
e o talhar de estátuas.

Verde serás sempre  
e compreenderás  
o meu verso limpo  
de capins crivado.

Tudo como for  
sobre talhas flavas  
de palavras novas,  
concisas e claras.



2

Serás boa e rara  
pedra concentrada  
gotejando lascas.

Por ali vagavas,  
borboleta intata,  
como um cão de caça.

Pensaremos áticas  
palavras exatas  
para fixar-te.

Mesmo que desates  
teus cipós aquáticos,  
ficarás fundada

nesta folha parca.



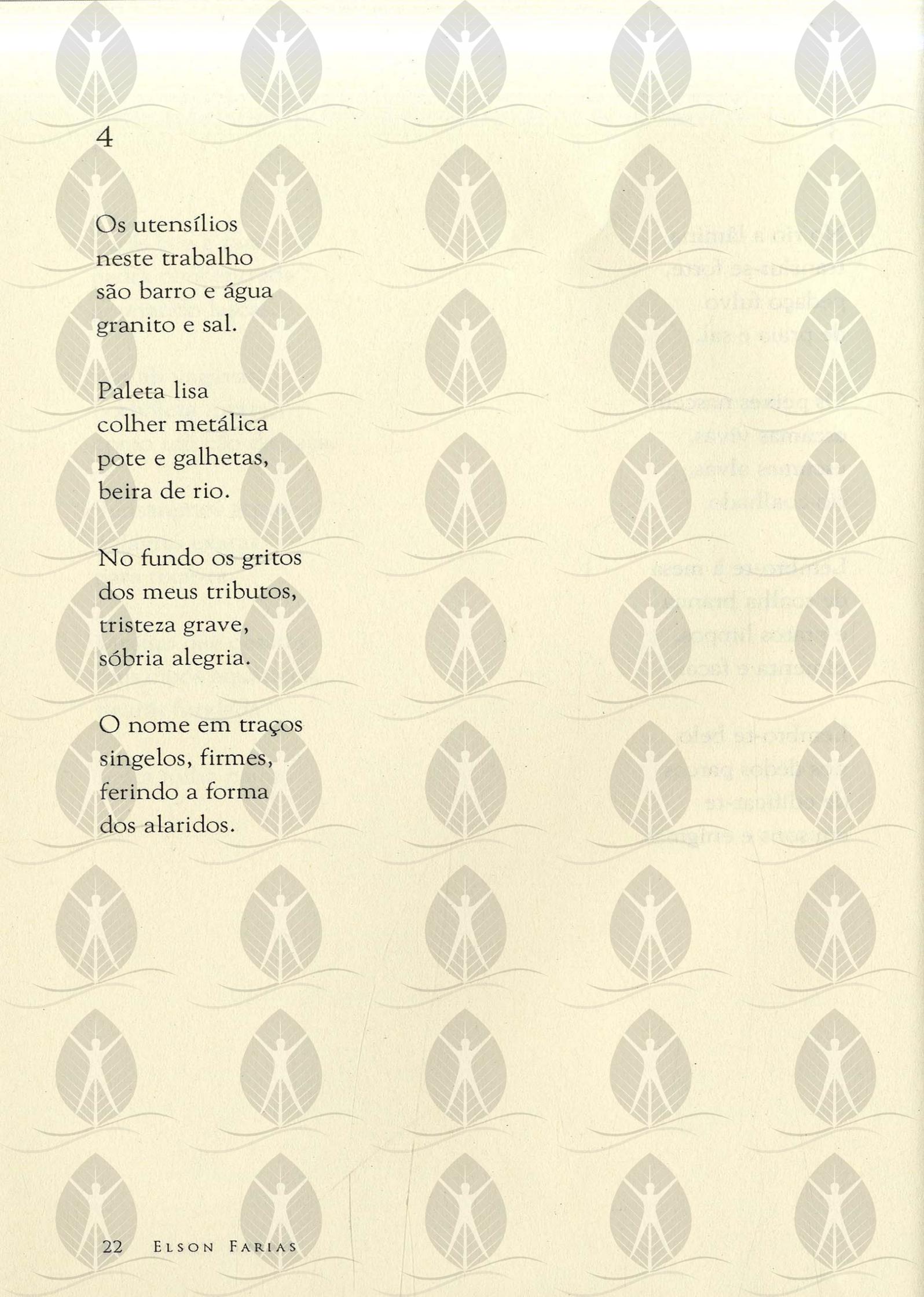
3

No rio a lâmina  
transluz-se forte,  
pedaço fulvo  
de praia e sal.

Os peixes nascem:  
escamas vivas,  
escumas alvas,  
rio coalhado.

Lembro-te à mesa  
de toalha branca  
e pratos limpos,  
pimenta e faca.

Lembro-te belo  
nos dedos parcos  
de edificar-te  
em sons e enigmas.



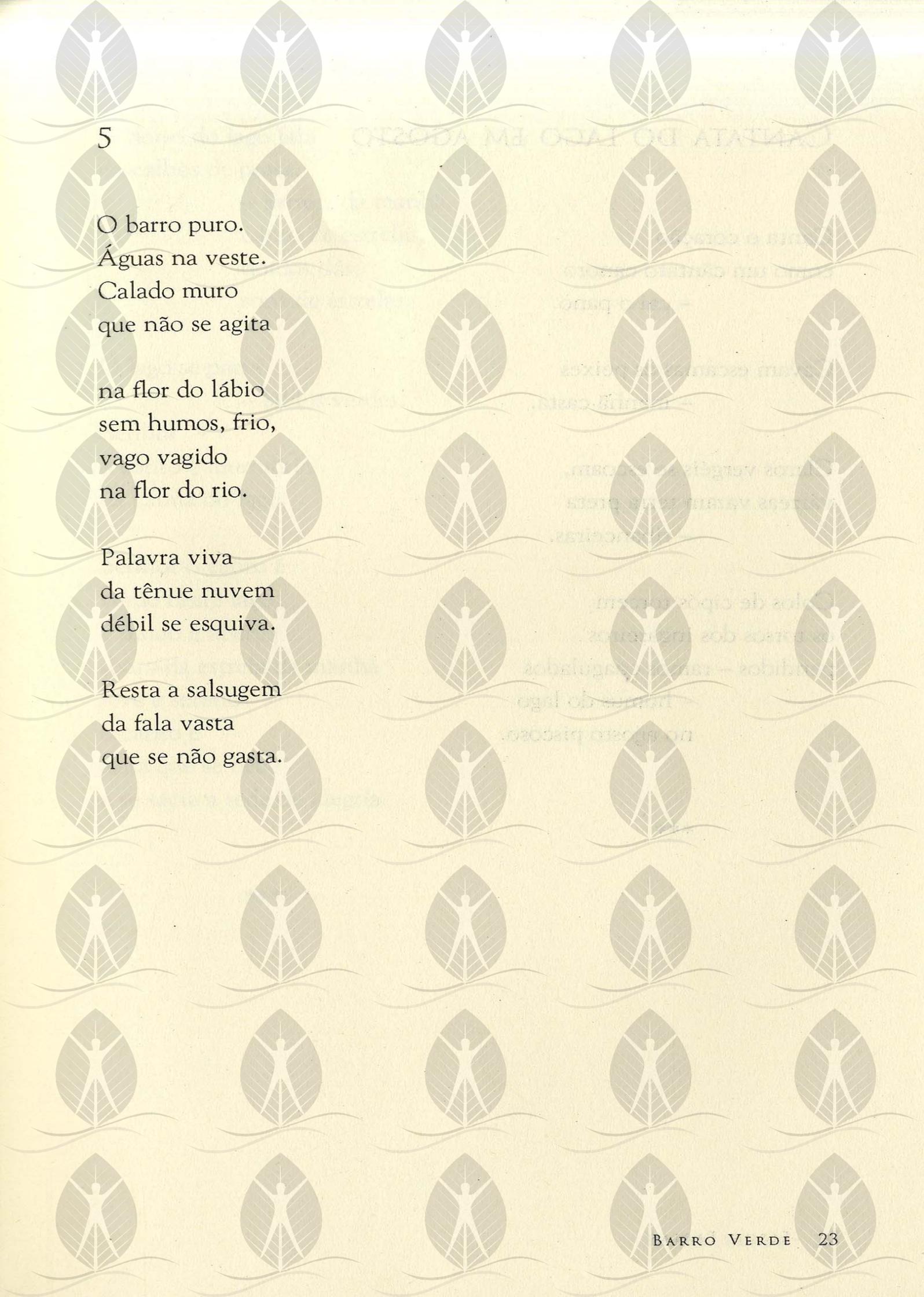
4

Os utensílios  
neste trabalho  
são barro e água  
granito e sal.

Paleta lisa  
colher metálica  
pote e galhetas,  
beira de rio.

No fundo os gritos  
dos meus tributos,  
tristeza grave,  
sóbria alegria.

O nome em traços  
singelos, firmes,  
ferindo a forma  
dos alaridos.



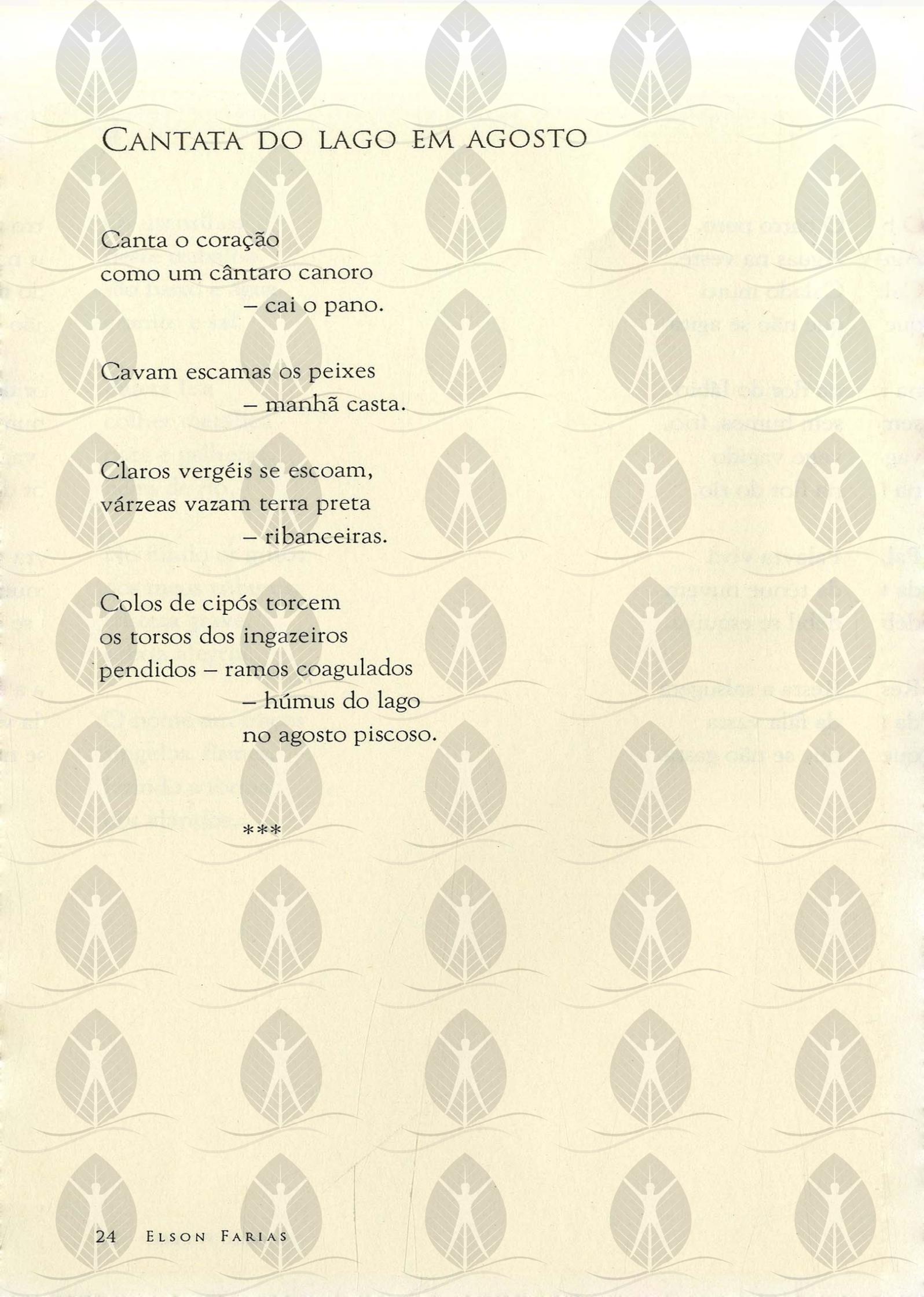
5

O barro puro.  
Águas na veste.  
Calado muro  
que não se agita

na flor do lábio  
sem humos, frio,  
vago vagido  
na flor do rio.

Palavra viva  
da tênue nuvem  
débil se esquivava.

Resta a salsugem  
da fala vasta  
que se não gasta.



## CANTATA DO LAGO EM AGOSTO

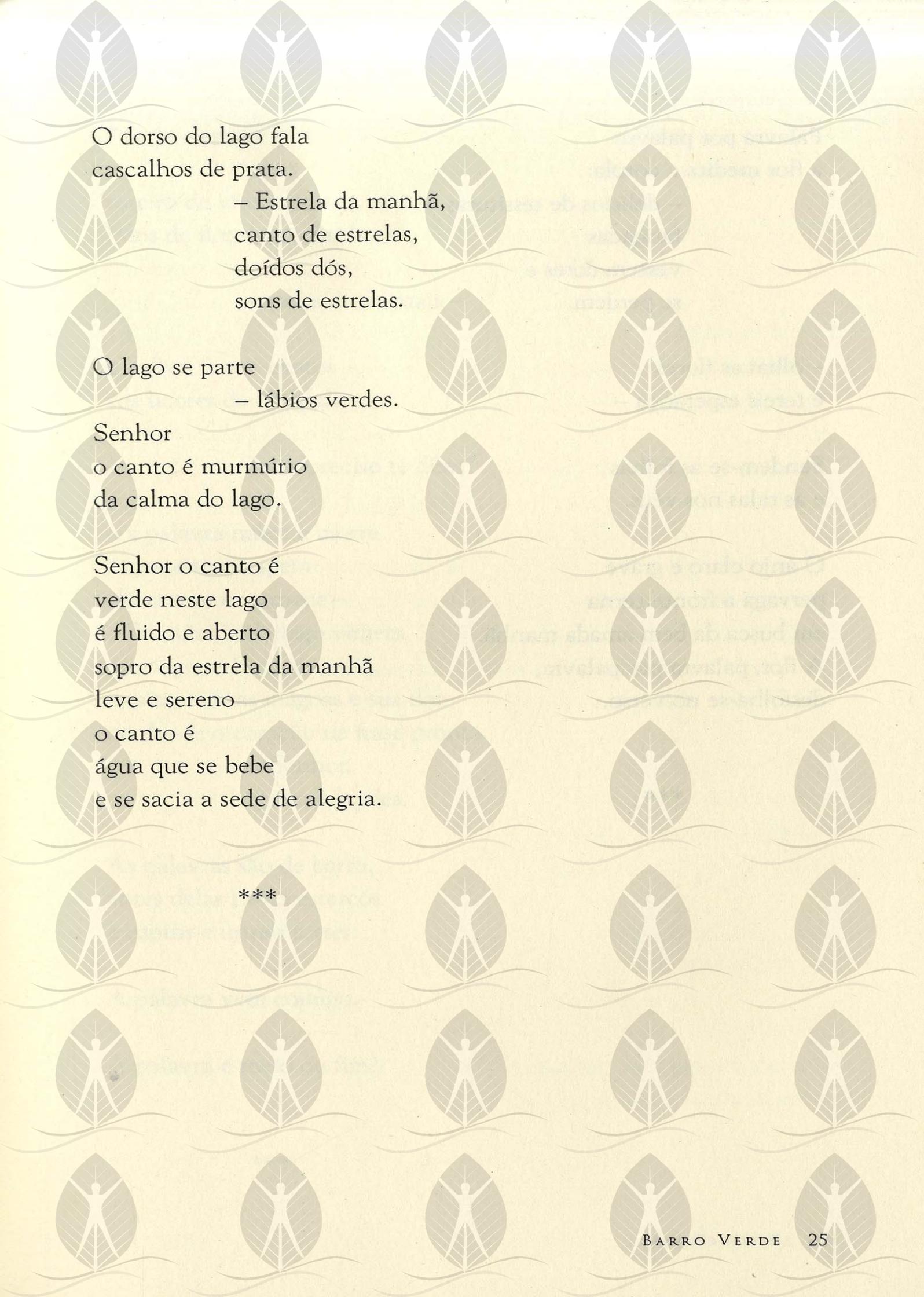
Canta o coração  
como um cântaro canoro  
– cai o pano.

Cavam escamas os peixes  
– manhã casta.

Claros vergéis se escoam,  
várzeas vazam terra preta  
– ribanceiras.

Colos de cipós torcem  
os torsos dos ingazeiros  
pendidos – ramos coagulados  
– húmus do lago  
no agosto piscoso.

\*\*\*



O dorso do lago fala  
cascalhos de prata.

– Estrela da manhã,  
canto de estrelas,  
doídos dós,  
sons de estrelas.

O lago se parte

– lábios verdes.

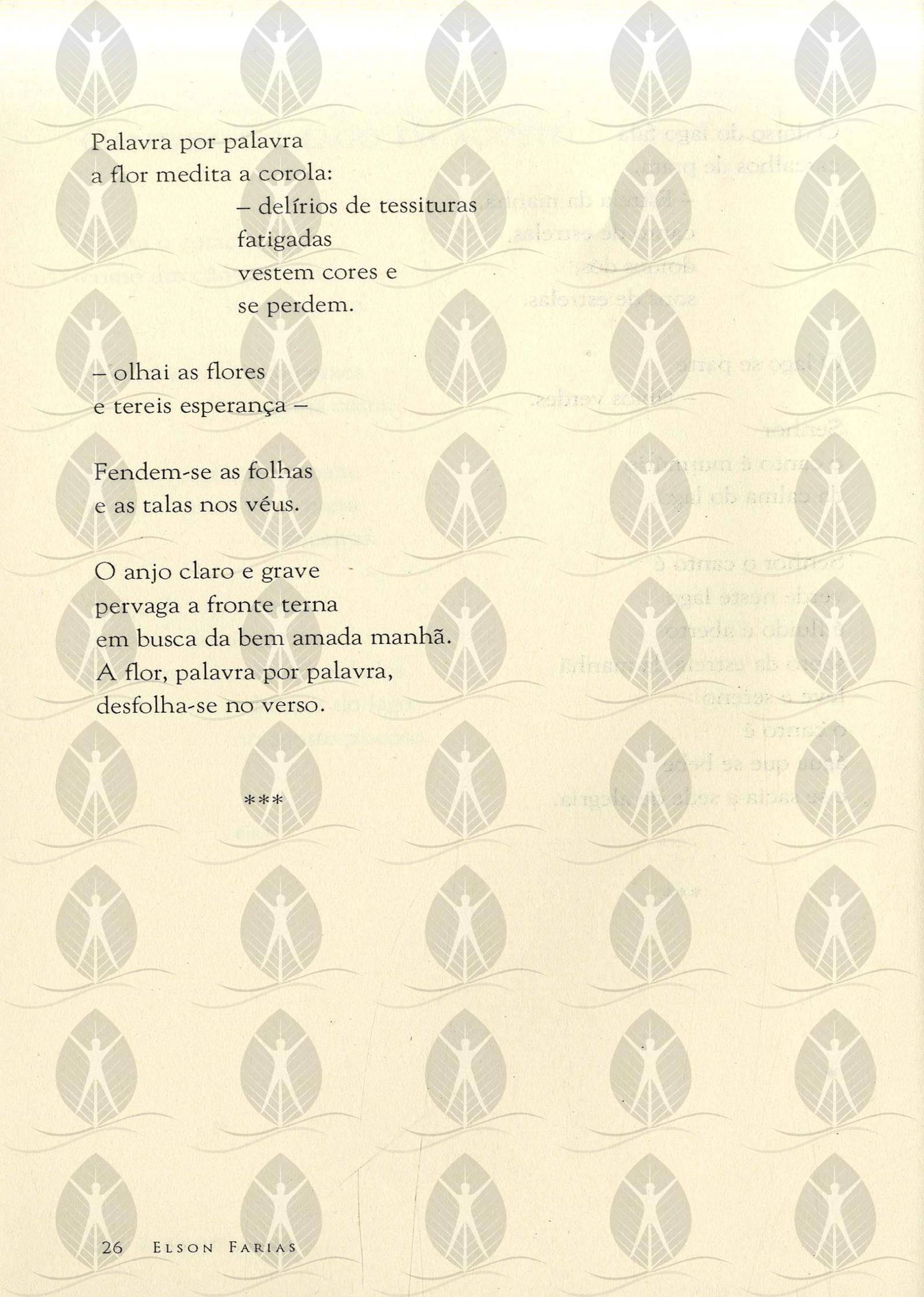
Senhor

o canto é murmúrio  
da calma do lago.

Senhor o canto é  
verde neste lago  
é fluido e aberto  
sopro da estrela da manhã  
leve e sereno

o canto é  
água que se bebe  
e se sacia a sede de alegria.

\*\*\*



Palavra por palavra  
a flor medita a corola:

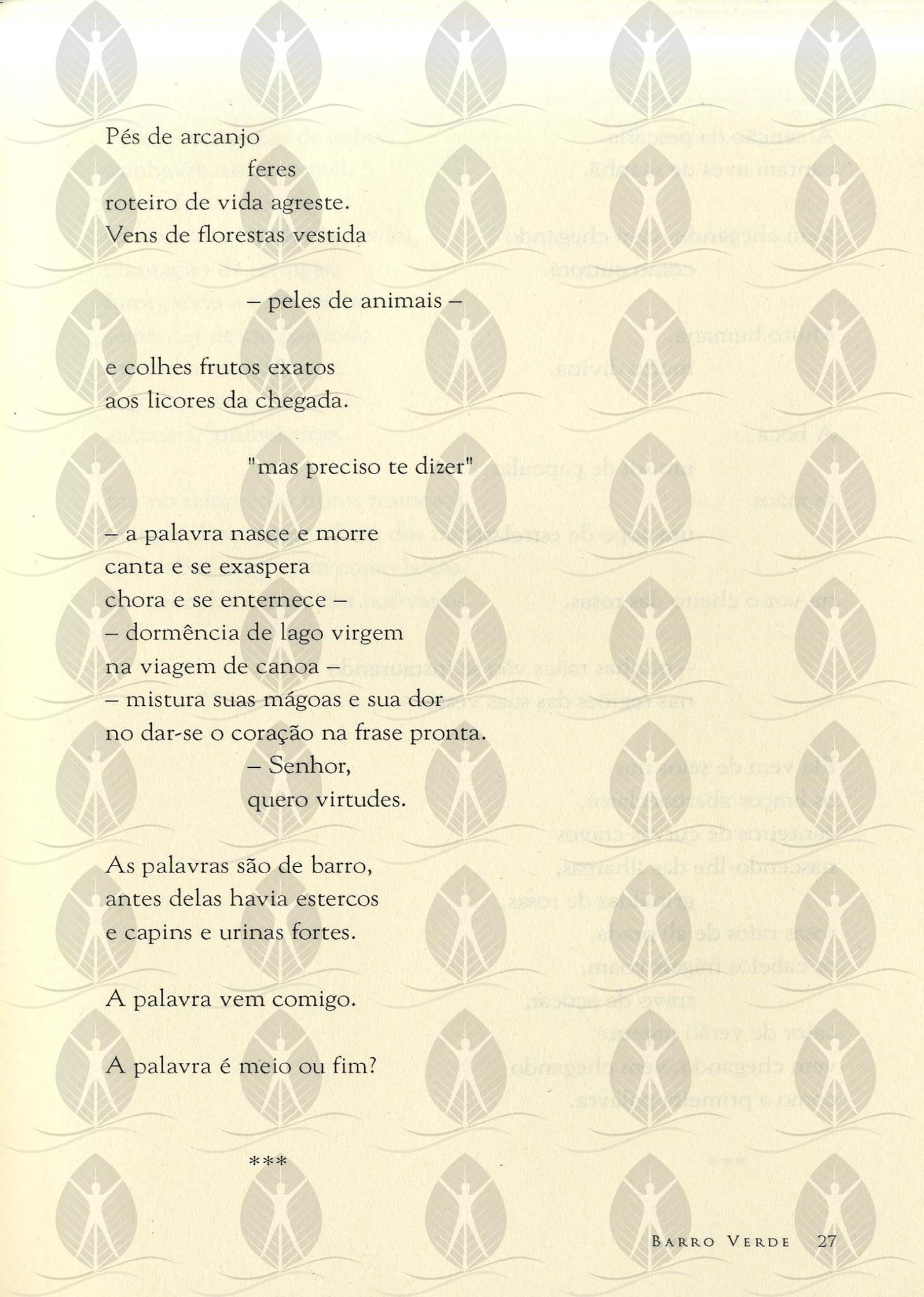
– delírios de tessituras  
fatigadas  
vestem cores e  
se perdem.

– olhai as flores  
e tereis esperança –

Fendem-se as folhas  
e as talas nos véus.

O anjo claro e grave  
pervaga a fronte terna  
em busca da bem amada manhã.  
A flor, palavra por palavra,  
desfolha-se no verso.

\*\*\*



Pés de arcanjo  
feres  
roteiro de vida agreste.  
Vens de florestas vestida

– peles de animais –  
e colhes frutos exatos  
aos licores da chegada.

"mas preciso te dizer"  
– a palavra nasce e morre  
canta e se exaspera  
chora e se entenece –  
– dormência de lago virgem  
na viagem de canoa –  
– mistura suas mágoas e sua dor  
no dar-se o coração na frase pronta.

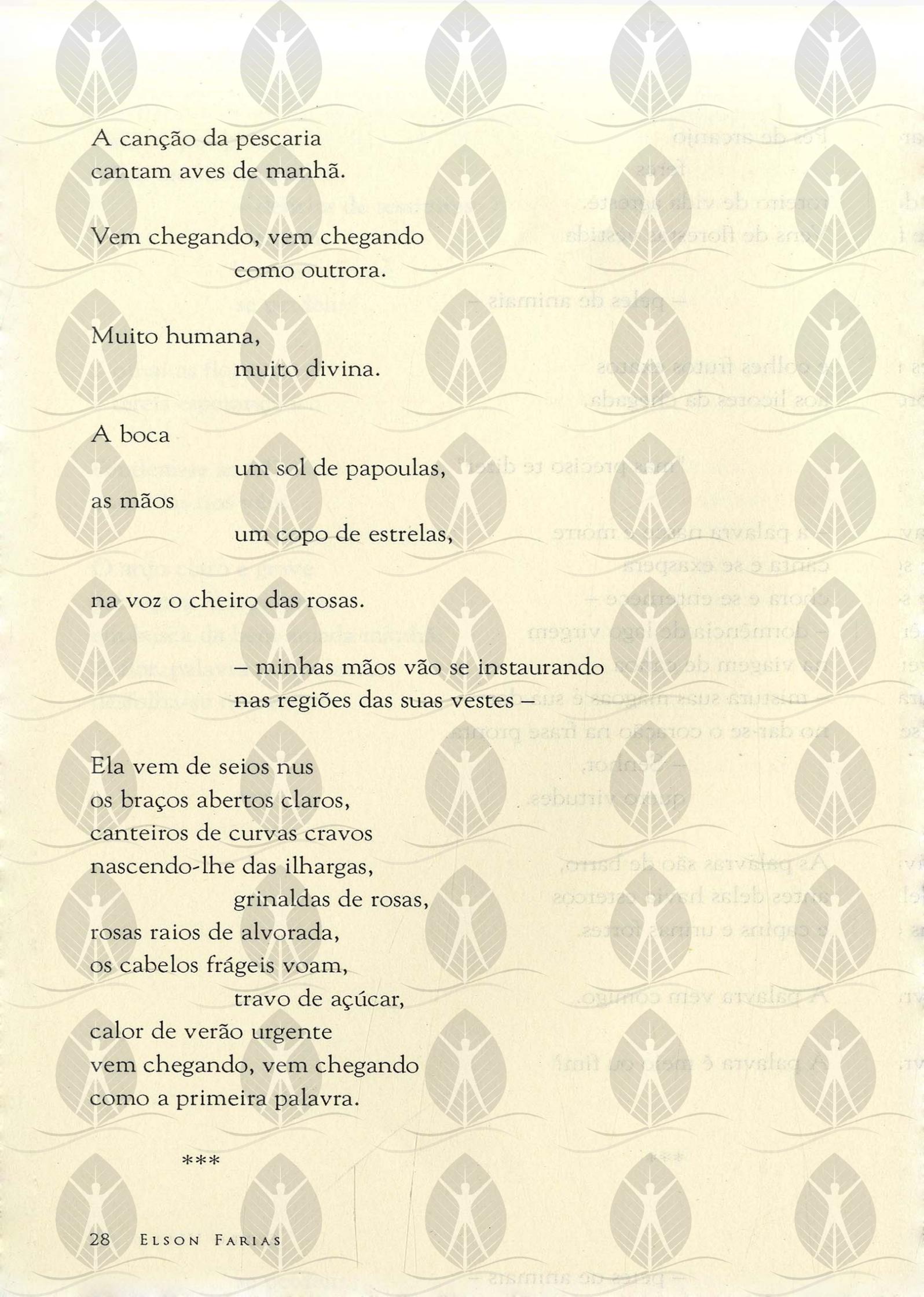
– Senhor,  
quero virtudes.

As palavras são de barro,  
antes delas havia esterco  
e capins e urinas fortes.

A palavra vem comigo.

A palavra é meio ou fim?

\*\*\*



A canção da pescaria  
cantam aves de manhã.

Vem chegando, vem chegando  
como outrora.

Muito humana,  
muito divina.

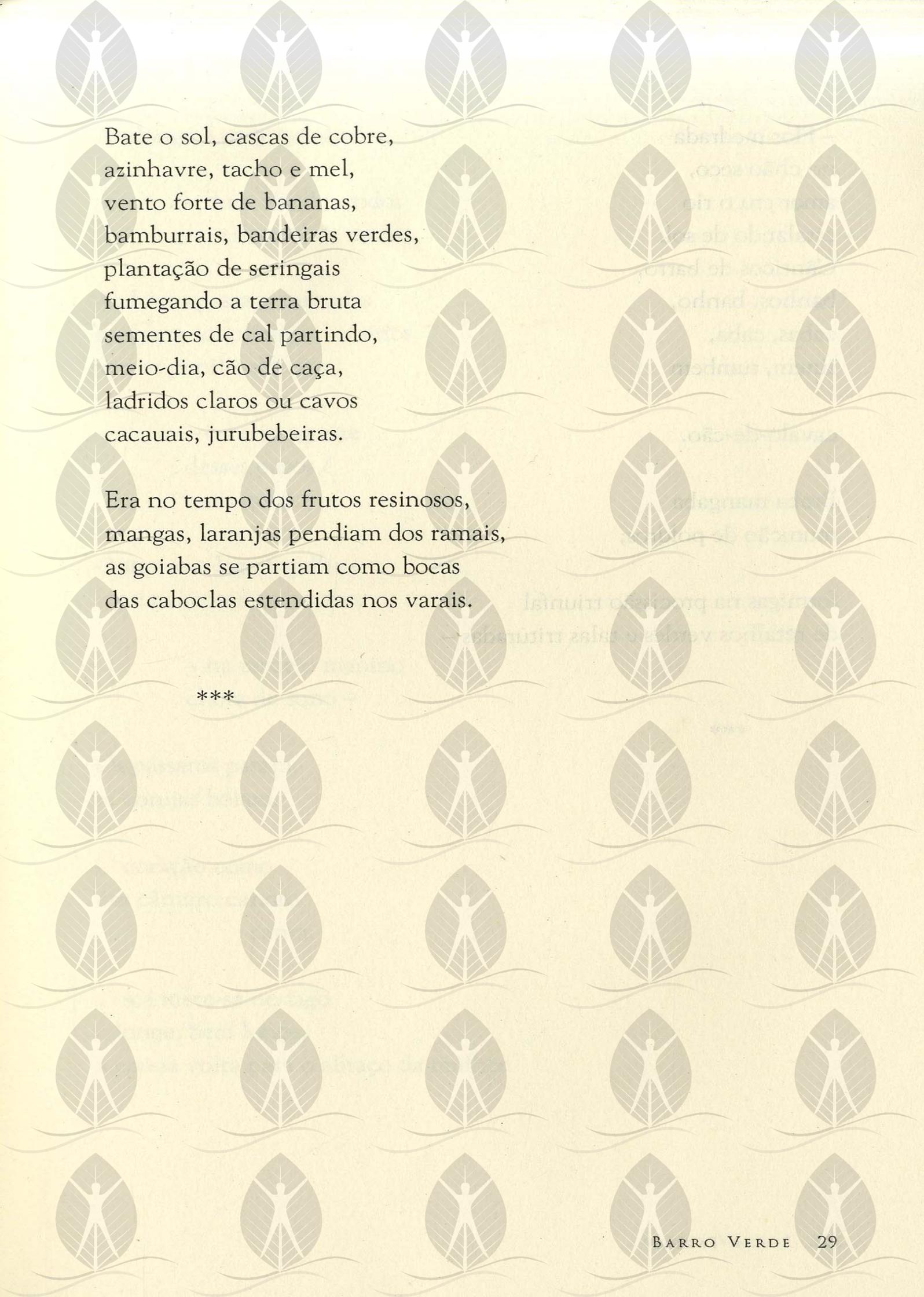
A boca  
um sol de papoulas,  
as mãos  
um copo de estrelas,

na voz o cheiro das rosas.

– minhas mãos vão se instaurando  
nas regiões das suas vestes –

Ela vem de seios nus  
os braços abertos claros,  
canteiros de curvas cravos  
nascendo-lhe das ilhargas,  
grinaldas de rosas,  
rosas raios de alvorada,  
os cabelos frágeis voam,  
travo de açúcar,  
calor de verão urgente  
vem chegando, vem chegando  
como a primeira palavra.

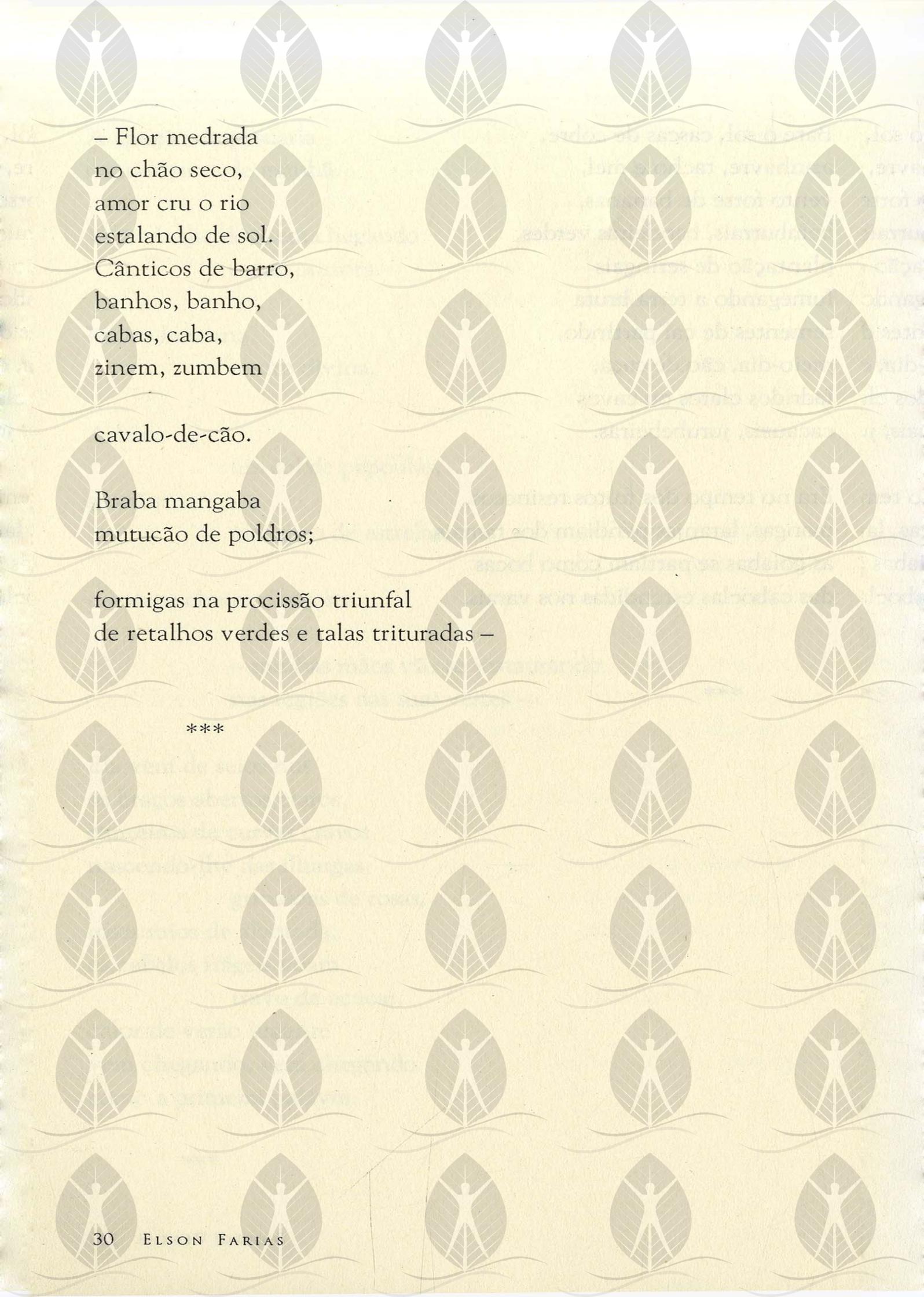
\*\*\*



Bate o sol, cascas de cobre,  
azinhavre, tacho e mel,  
vento forte de bananas,  
bamburrais, bandeiras verdes,  
plantação de seringais  
fumegando a terra bruta  
sementes de cal partindo,  
meio-dia, cão de caça,  
ladridos claros ou cavos  
cacauais, jurubebeiras.

Era no tempo dos frutos resinosos,  
mangas, laranjas pendiam dos ramais,  
as goiabas se partiam como bocas  
das caboclas estendidas nos varais.

\*\*\*



– Flor medrada  
no chão seco,  
amor cru o rio  
estalando de sol.

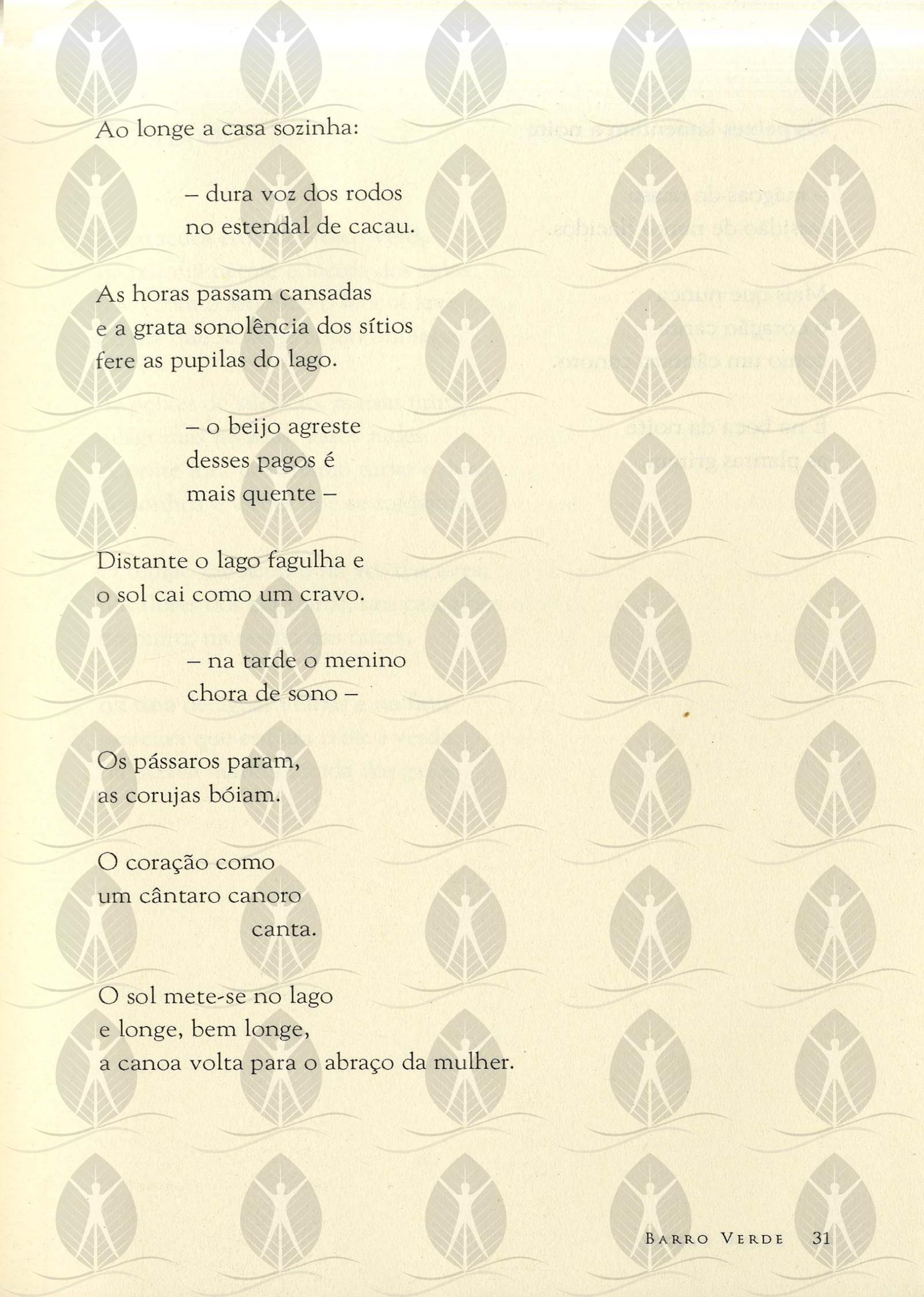
Cânticos de barro,  
banhos, banho,  
cabas, caba,  
zinem, zumbem

cavalo-de-cão.

Braba mangaba  
mutucão de poldros;

formigas na procissão triunfal  
de retalhos verdes e talas trituradas –

\*\*\*



Ao longe a casa sozinha:

– dura voz dos rodos  
no estendal de cacau.

As horas passam cansadas  
e a grata sonolência dos sítios  
fere as pupilas do lago.

– o beijo agreste  
desses pagos é  
mais quente –

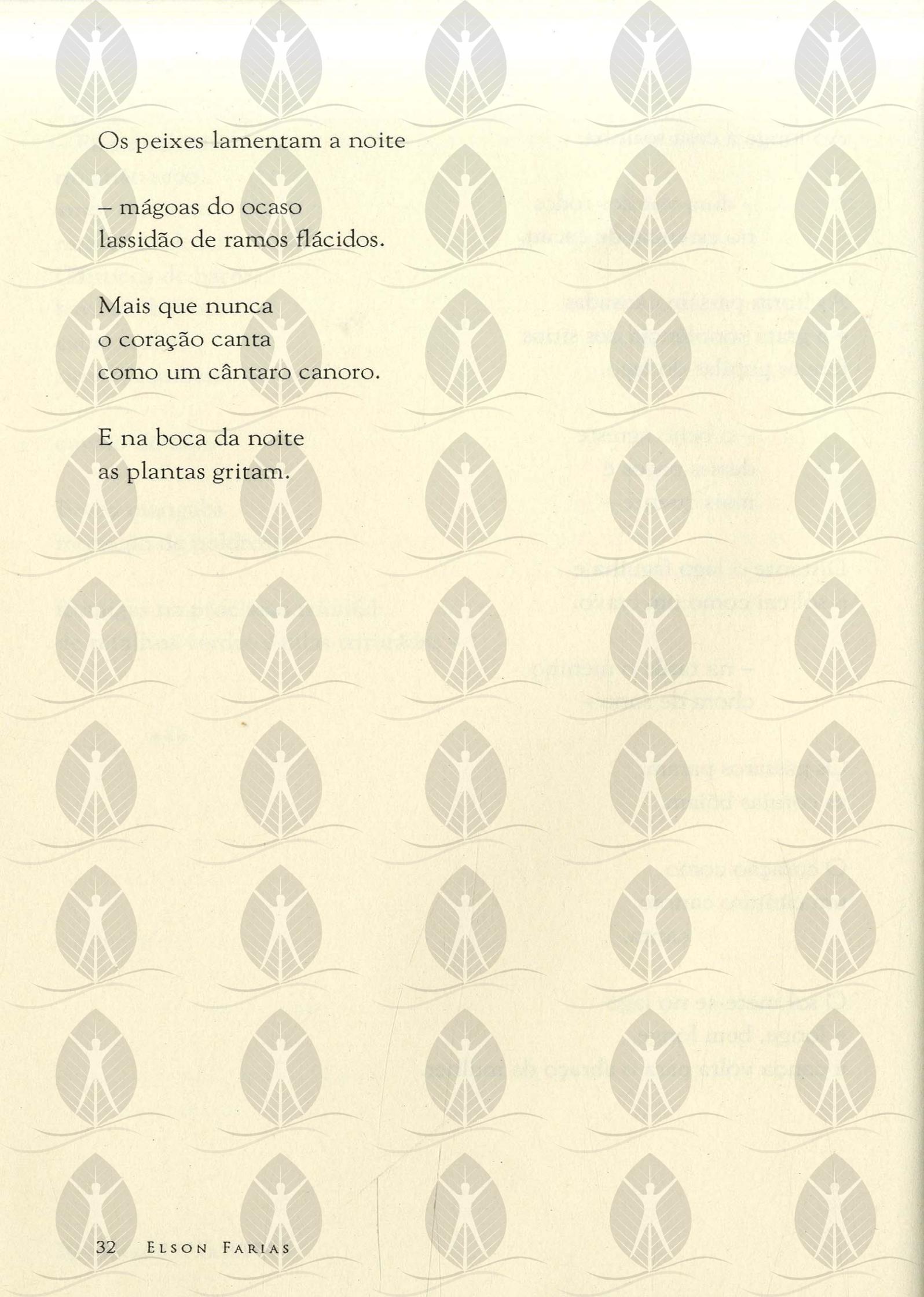
Distante o lago fagulha e  
o sol cai como um cravo.

– na tarde o menino  
chora de sono –

Os pássaros param,  
as corujas bóiam.

O coração como  
um cântaro canoro  
canta.

O sol mete-se no lago  
e longe, bem longe,  
a canoa volta para o abraço da mulher.

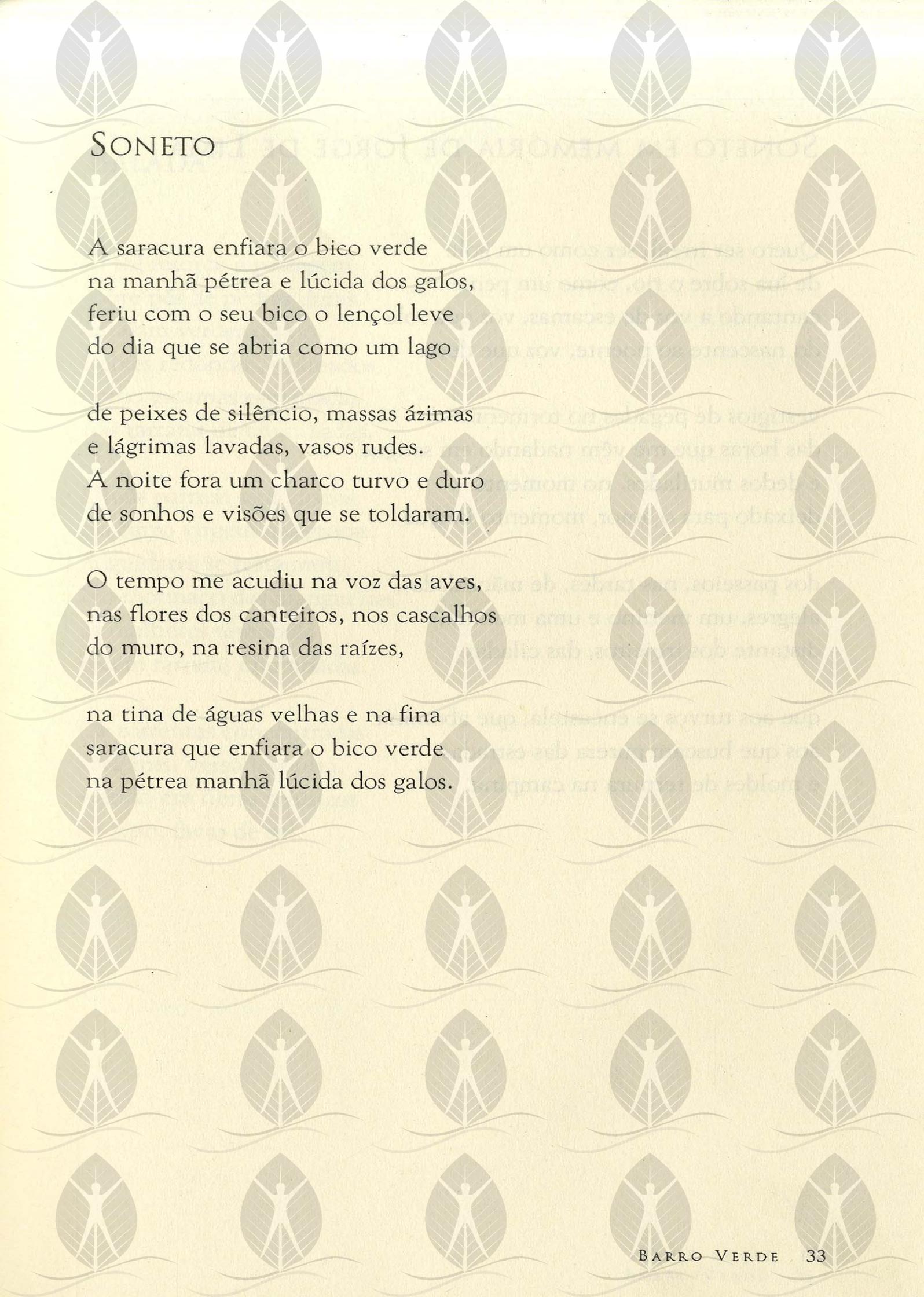


Os peixes lamentam a noite

– mágoas do ocaso  
lassidão de ramos flácidos.

Mais que nunca  
o coração canta  
como um cântaro canoro.

E na boca da noite  
as plantas gritam.



## SONETO

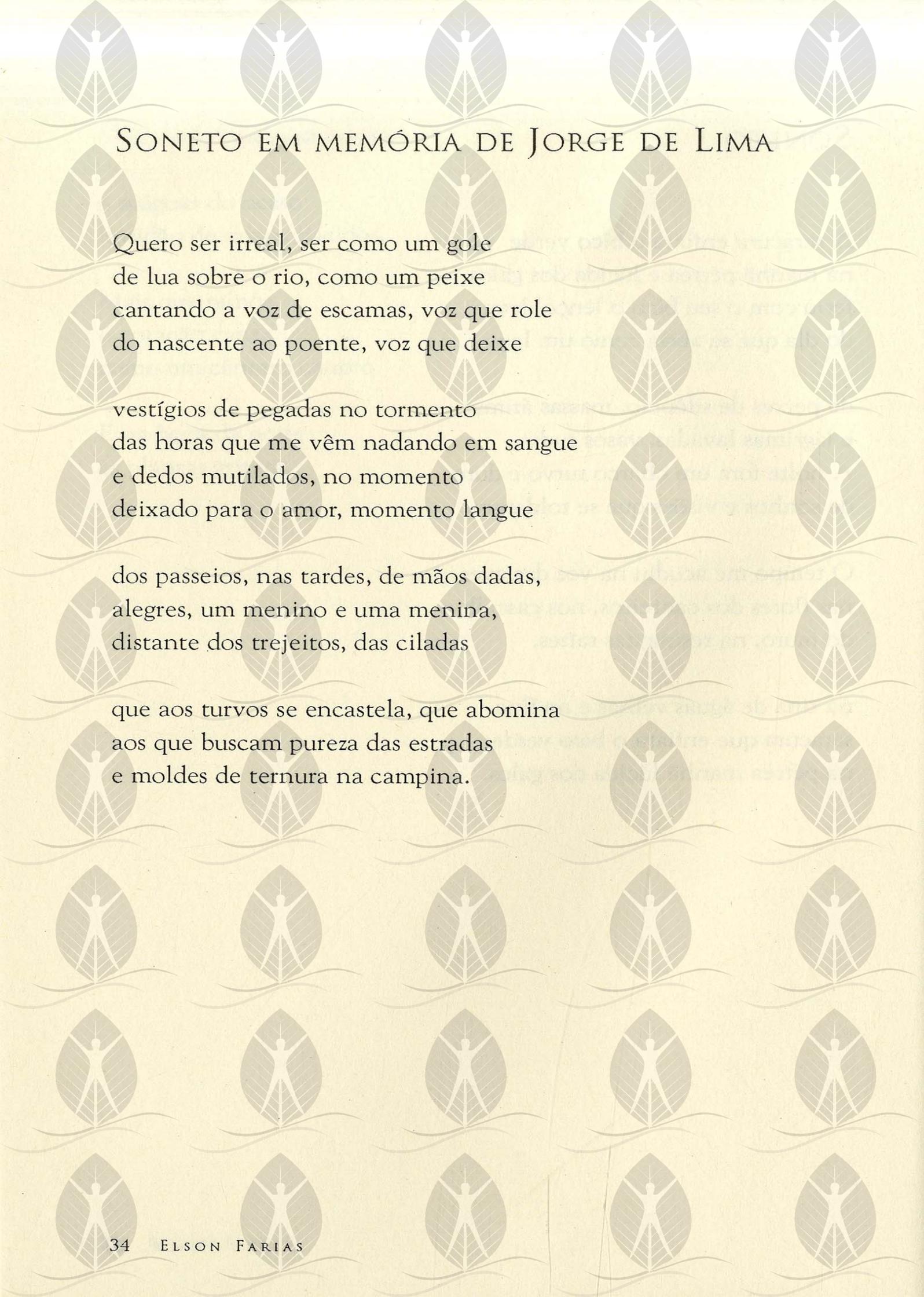
A saracura enfiara o bico verde  
na manhã pétrea e lúcida dos galos,  
feriu com o seu bico o lençol leve  
do dia que se abria como um lago

de peixes de silêncio, massas ázimas  
e lágrimas lavadas, vasos rudes.

A noite fora um charco turvo e duro  
de sonhos e visões que se toldaram.

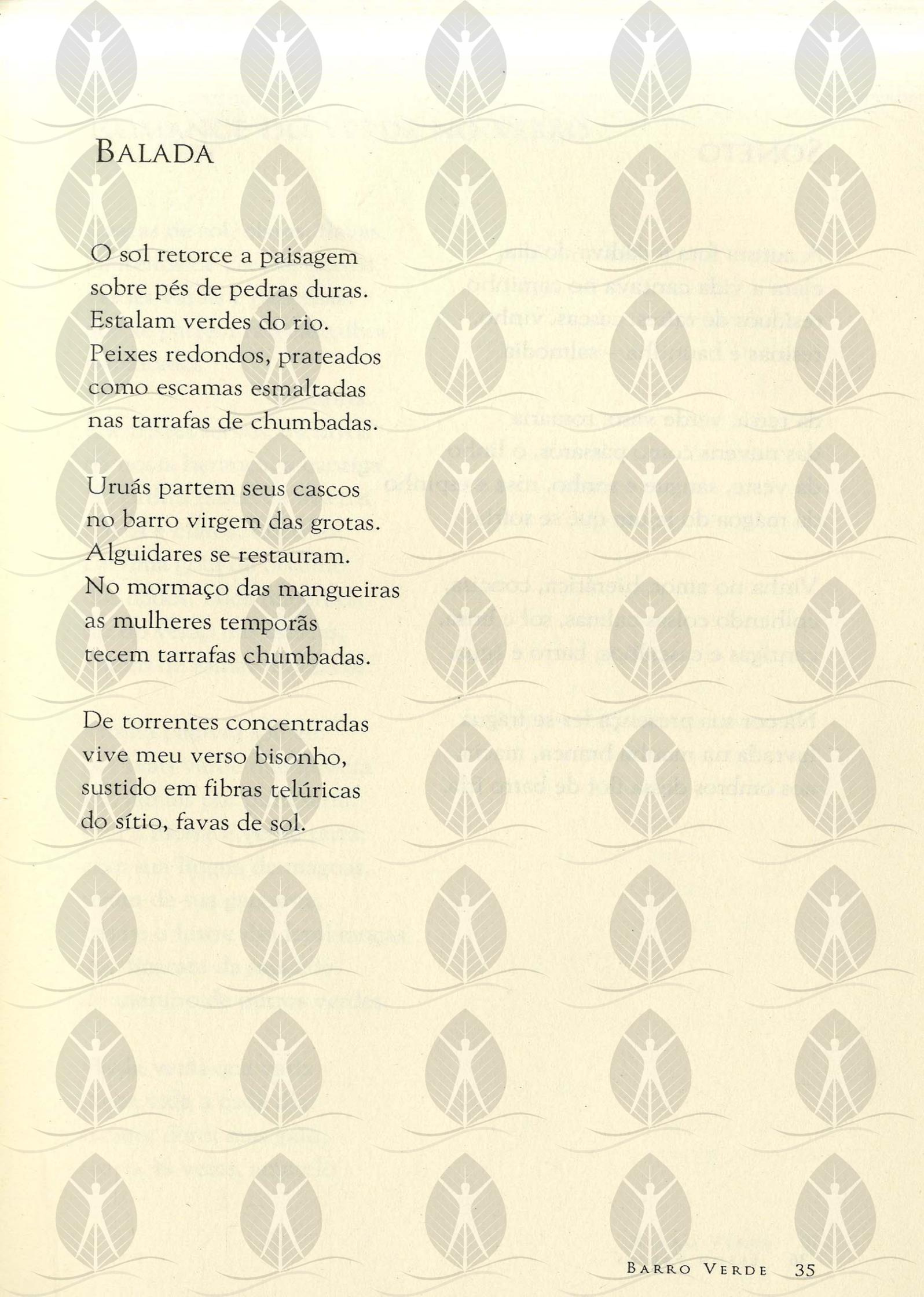
O tempo me acudiu na voz das aves,  
nas flores dos canteiros, nos cascalhos  
do muro, na resina das raízes,

na tina de águas velhas e na fina  
saracura que enfiara o bico verde  
na pétrea manhã lúcida dos galos.



## SONETO EM MEMÓRIA DE JORGE DE LIMA

Quero ser irreal, ser como um gole  
de lua sobre o rio, como um peixe  
cantando a voz de escamas, voz que role  
do nascente ao poente, voz que deixe  
vestígios de pegadas no tormento  
das horas que me vêm nadando em sangue  
e dedos mutilados, no momento  
deixado para o amor, momento lague  
dos passeios, nas tardes, de mãos dadas,  
alegres, um menino e uma menina,  
distante dos trejeitos, das ciladas  
que aos turvos se encastela, que abomina  
aos que buscam pureza das estradas  
e moldes de ternura na campina.

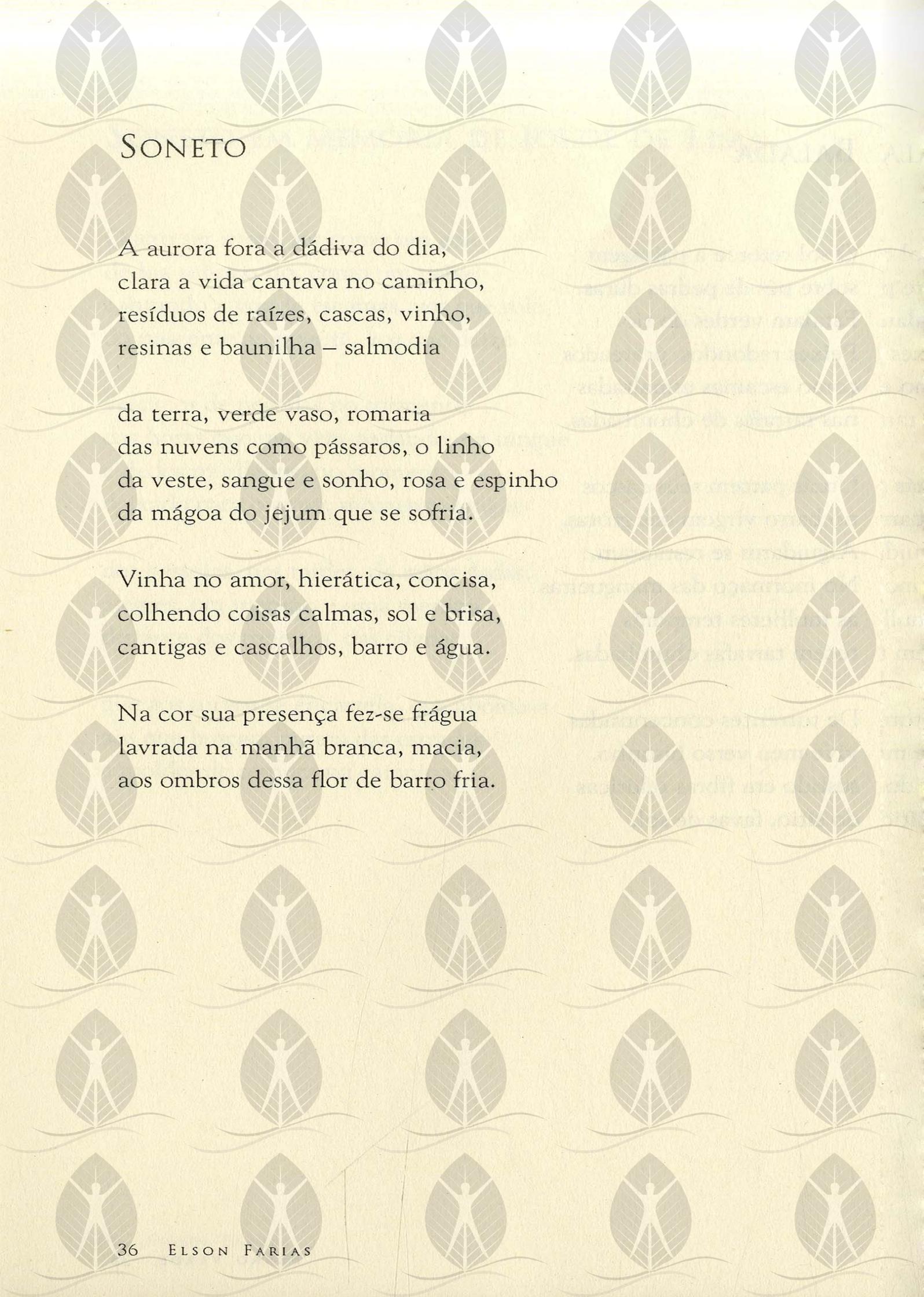


## BALADA

O sol retorce a paisagem  
sobre pés de pedras duras.  
Estalam verdes do rio.  
Peixes redondos, prateados  
como escamas esmaltadas  
nas tarrafas de chumbadas.

Uruás partem seus cascos  
no barro virgem das grotas.  
Alguidares se restauram.  
No mormaço das mangueiras  
as mulheres temporãs  
tecem tarrafas chumbadas.

De torrentes concentradas  
vive meu verso bisonho,  
sustido em fibras telúricas  
do sítio, favas de sol.



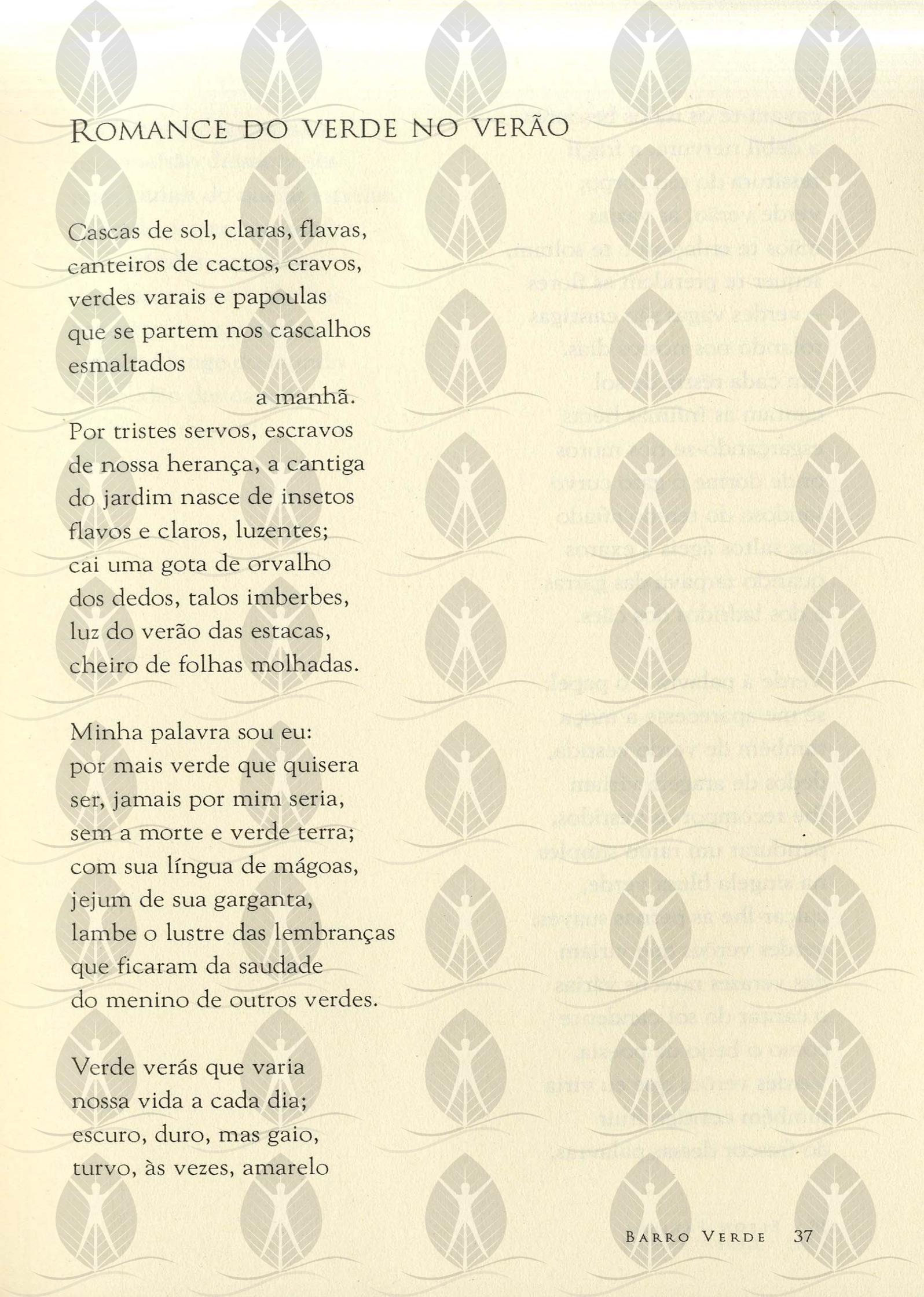
## SONETO

A aurora fora a dádiva do dia,  
clara a vida cantava no caminho,  
resíduos de raízes, cascas, vinho,  
resinas e baunilha – salmodia

da terra, verde vaso, romaria  
das nuvens como pássaros, o linho  
da veste, sangue e sonho, rosa e espinho  
da mágoa do jejum que se sofria.

Vinha no amor, hierática, concisa,  
colhendo coisas calmas, sol e brisa,  
cantigas e cascalhos, barro e água.

Na cor sua presença fez-se frágua  
lavrada na manhã branca, macia,  
aos ombros dessa flor de barro fria.



## ROMANCE DO VERDE NO VERÃO

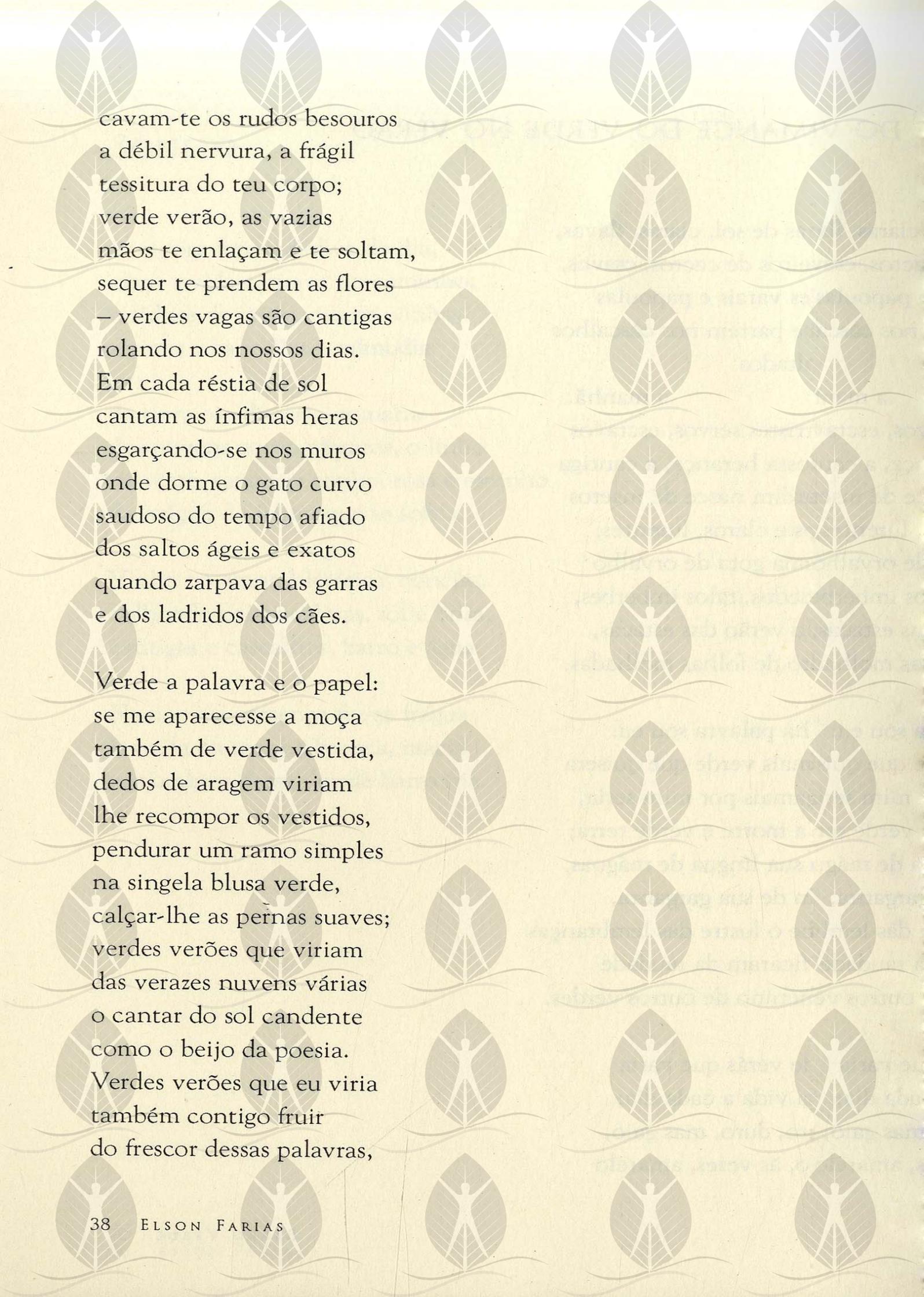
Cascas de sol, claras, flavas,  
canteiros de cactos, cravos,  
verdes varais e papoulas  
que se partem nos cascalhos  
esmaltados

a manhã.

Por tristes servos, escravos  
de nossa herança, a cantiga  
do jardim nasce de insetos  
flavos e claros, luzentes;  
cai uma gota de orvalho  
dos dedos, talos imberbes,  
luz do verão das estacas,  
cheiro de folhas molhadas.

Minha palavra sou eu:  
por mais verde que quisera  
ser, jamais por mim seria,  
sem a morte e verde terra;  
com sua língua de mágoas,  
jejum de sua garganta,  
lambe o lustre das lembranças  
que ficaram da saudade  
do menino de outros verdes.

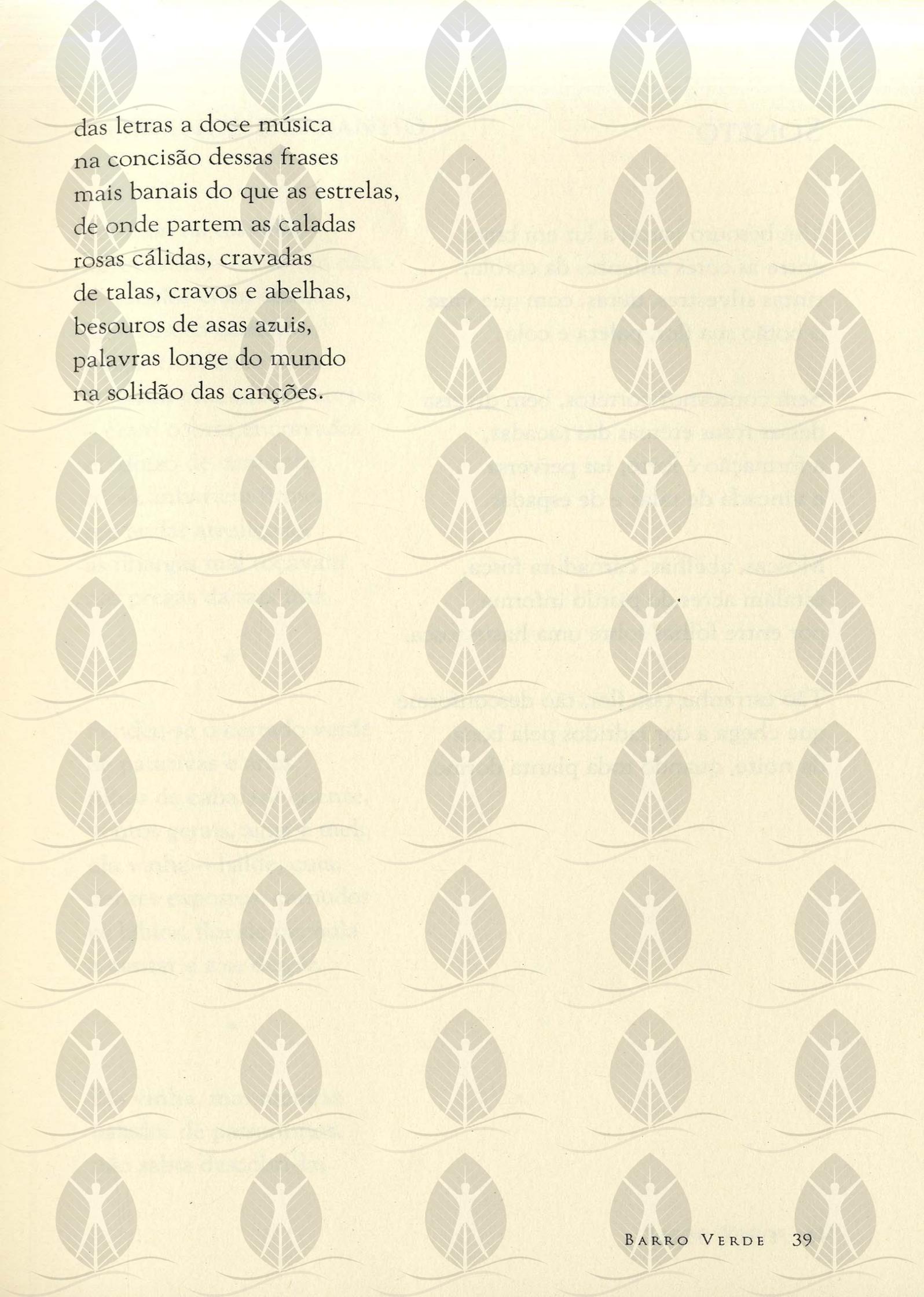
Verde verás que varia  
nossa vida a cada dia;  
escuro, duro, mas gaio,  
turvo, às vezes, amarelo



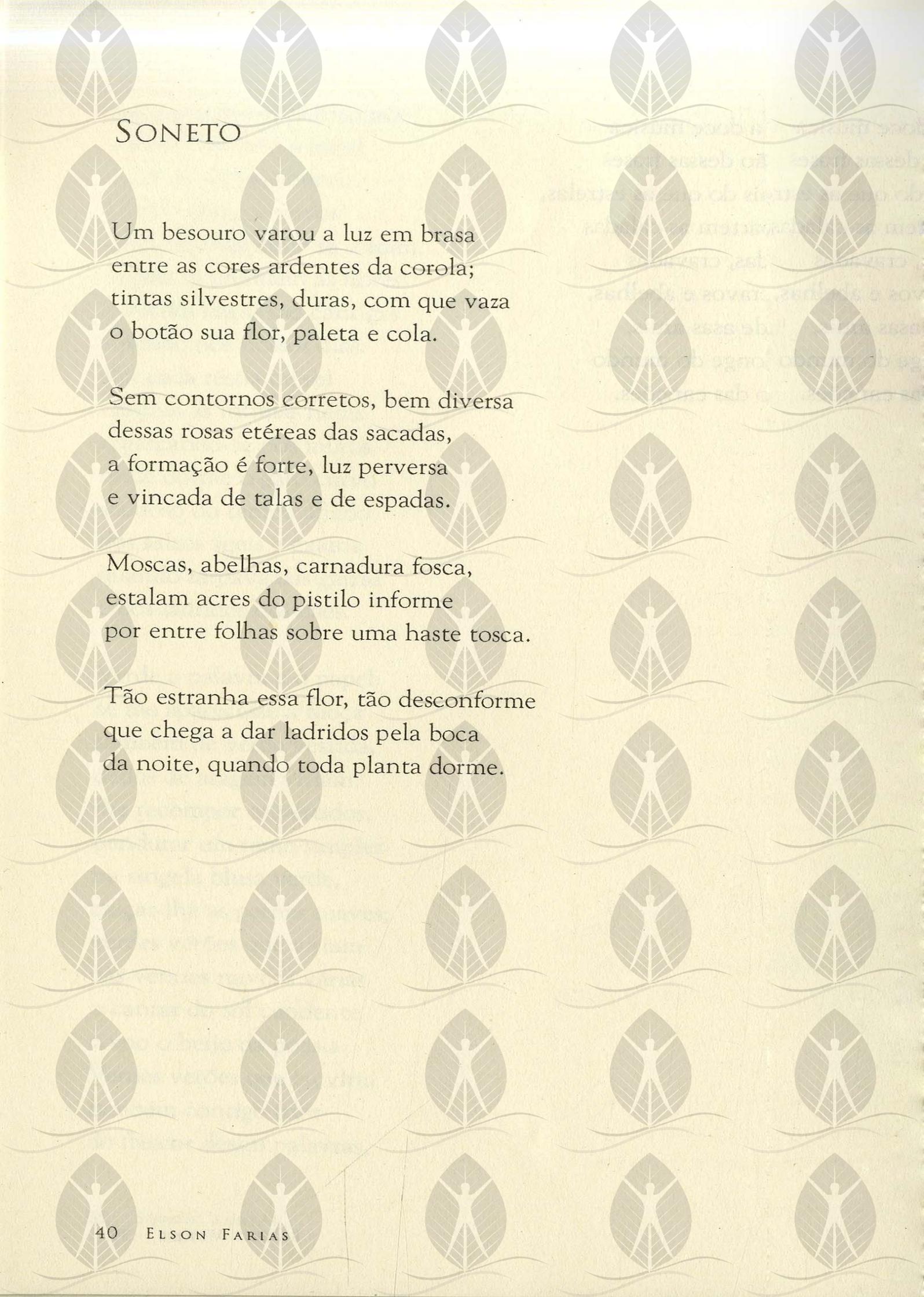
cavam-te os rudos besouros  
a débil nervura, a frágil  
tessitura do teu corpo;  
verde verão, as vazias  
mãos te enlaçam e te soltam,  
sequer te prendem as flores  
– verdes vagas são cantigas  
rolando nos nossos dias.

Em cada réstia de sol  
cantam as ínfimas heras  
esgarçando-se nos muros  
onde dorme o gato curvo  
saudoso do tempo afiado  
dos saltos ágeis e exatos  
quando zarpava das garras  
e dos ladridos dos cães.

Verde a palavra e o papel:  
se me aparecesse a moça  
também de verde vestida,  
dedos de aragem viriam  
lhe recompor os vestidos,  
pendurar um ramo simples  
na singela blusa verde,  
calçar-lhe as pernas suaves;  
verdes verões que viriam  
das verazes nuvens várias  
o cantar do sol candente  
como o beijo da poesia.  
Verdes verões que eu viria  
também contigo fruir  
do frescor dessas palavras,



das letras a doce música  
na concisão dessas frases  
mais banais do que as estrelas,  
de onde partem as caladas  
rosas cálidas, cravadas  
de talas, cravos e abelhas,  
besouros de asas azuis,  
palavras longe do mundo  
na solidão das canções.



## SONETO

Um besouro varou a luz em brasa  
entre as cores ardentes da corola;  
tintas silvestres, duras, com que vaza  
o botão sua flor, paleta e cola.

Sem contornos corretos, bem diversa  
dessas rosas etéreas das sacadas,  
a formação é forte, luz perversa  
e vincada de talas e de espadas.

Moscas, abelhas, carnadura fosca,  
estalam acres do pistilo informe  
por entre folhas sobre uma haste tosca.

Tão estranha essa flor, tão desconforme  
que chega a dar ladridos pela boca  
da noite, quando toda planta dorme.

## ROMANCE DO BANHO

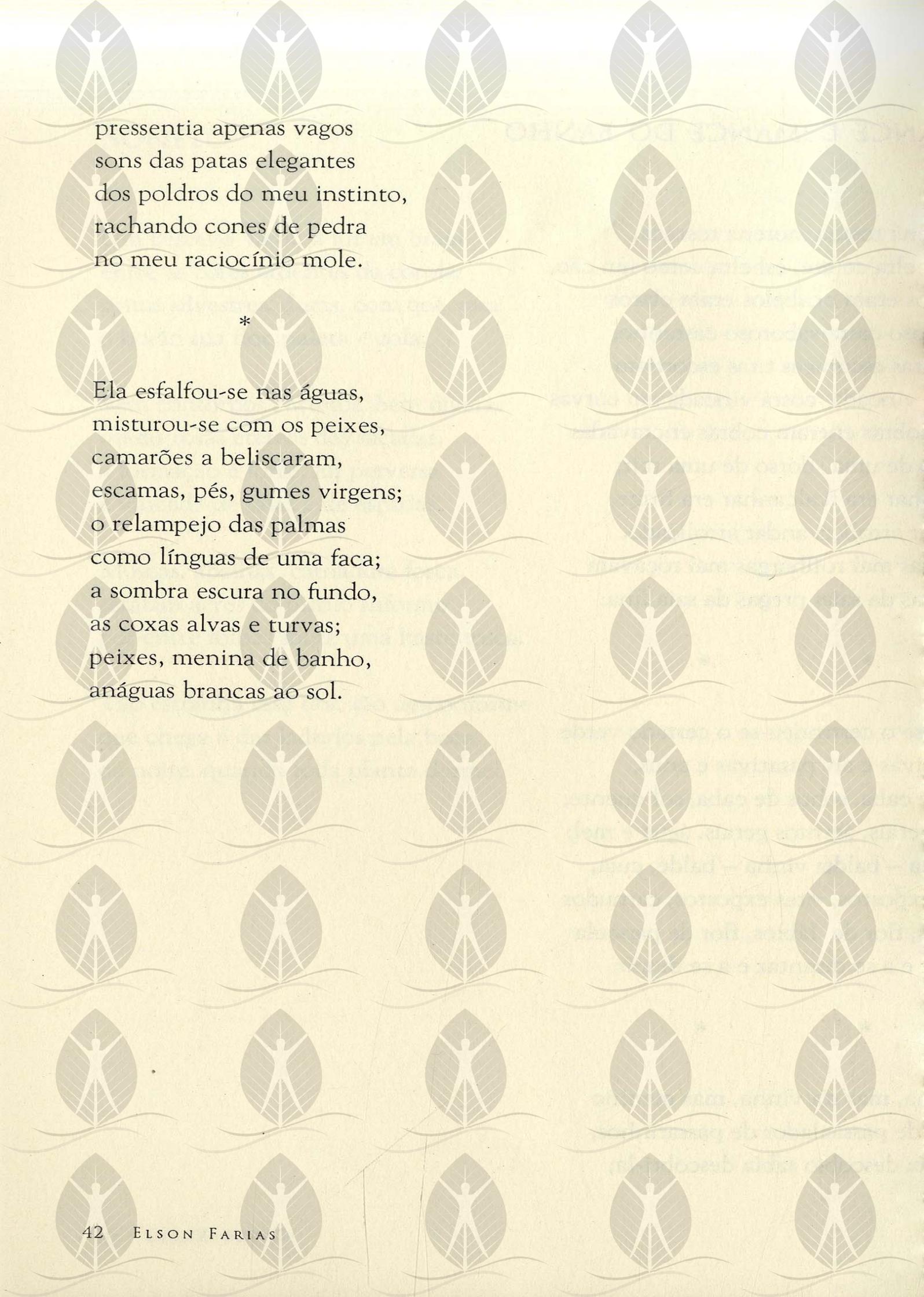
Era morena tostada,  
forte, esbelta como um cão,  
os cabelos eram claros  
de saboroso castanho;  
longas tiras escorriam  
na costa vincada em curvas  
– eram cobras encravadas  
no dorso de uma raiz;  
o calcanhar era firme,  
seu andar arrolçado,  
as ilhargas mal roçavam  
nas pregas da saia fina.

\*

Fendeu-se o cerrado verde  
de patativas e anus,  
filhos de caba, sol quente,  
ventos gerais, água e mel;  
ela vinha – balde, cuia,  
dentes expostos, carnudos  
os lábios, flor de papoula  
a cantar e a se despir.

\*

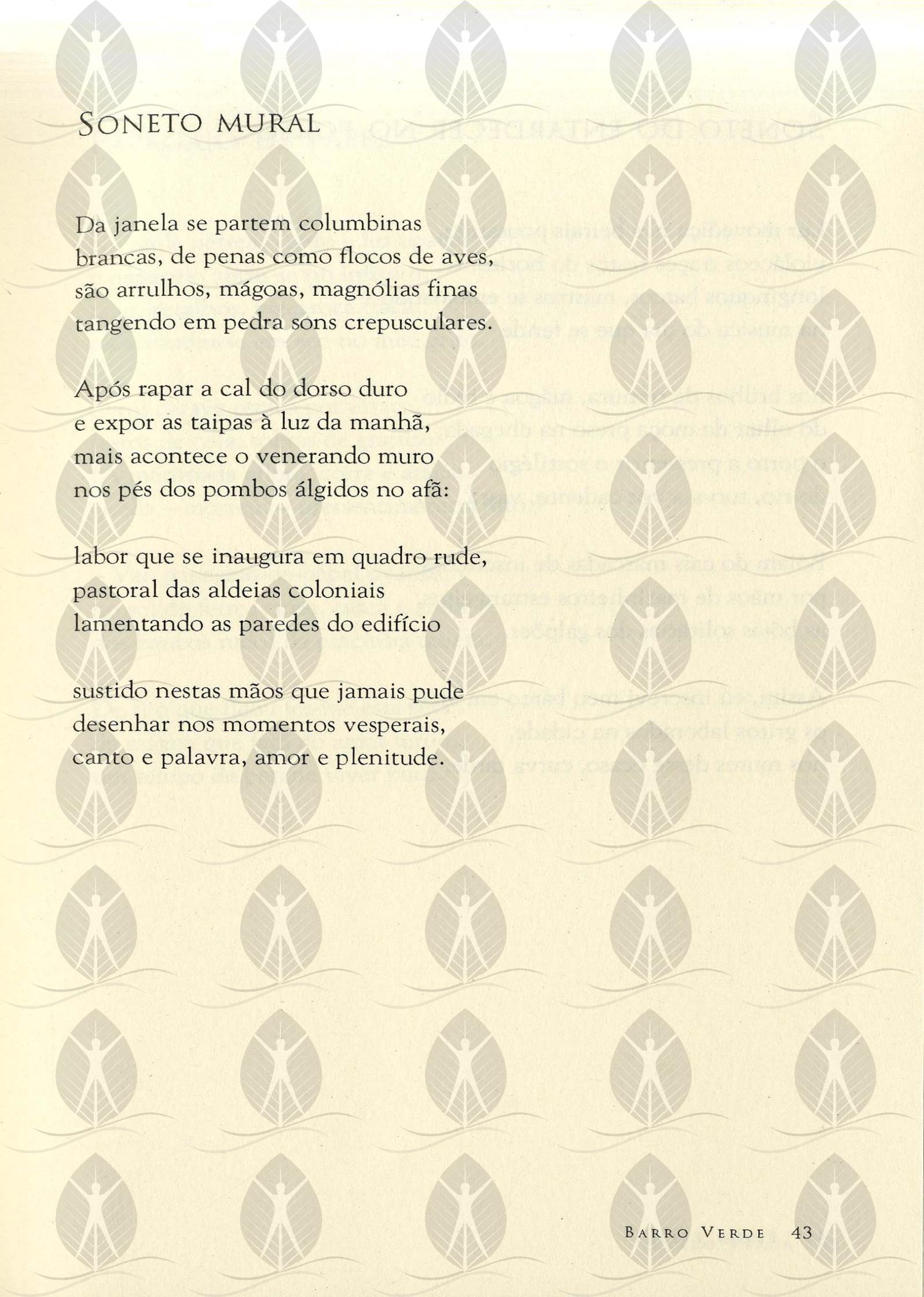
Ela vinha, mas menino  
balador de passarinhos,  
não sabia descobri-la;



presentia apenas vagos  
sons das patas elegantes  
dos poldros do meu instinto,  
rachando cones de pedra  
no meu raciocínio mole.

\*

Ela esfalfou-se nas águas,  
misturou-se com os peixes,  
camarões a beliscaram,  
escamas, pés, gumes virgens;  
o relampejo das palmas  
como línguas de uma faca;  
a sombra escura no fundo,  
as coxas alvas e turvas;  
peixes, menina de banho,  
anáguas brancas ao sol.

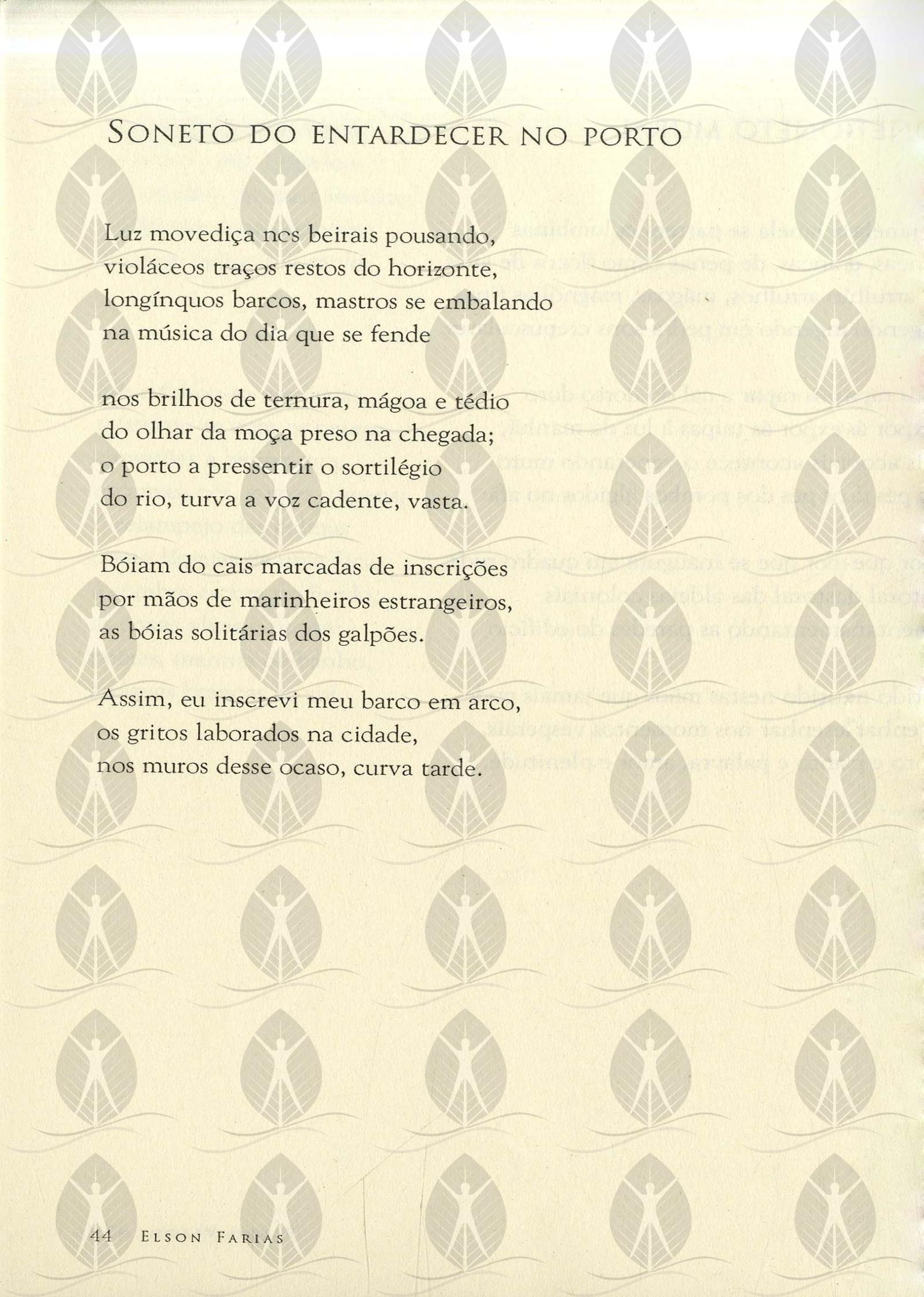


## SONETO MURAL

Da janela se partem columbinas  
brancas, de penas como flocos de aves,  
são arrulhos, mágoas, magnólias finas  
tangendo em pedra sons crepusculares.

Após rapar a cal do dorso duro  
e expor as taipas à luz da manhã,  
mais acontece o venerando muro  
nos pés dos pombos álgidos no afã:

labor que se inaugura em quadro rude,  
pastoral das aldeias coloniais  
lamentando as paredes do edifício  
sustido nestas mãos que jamais pude  
desenhar nos momentos vesperais,  
canto e palavra, amor e plenitude.



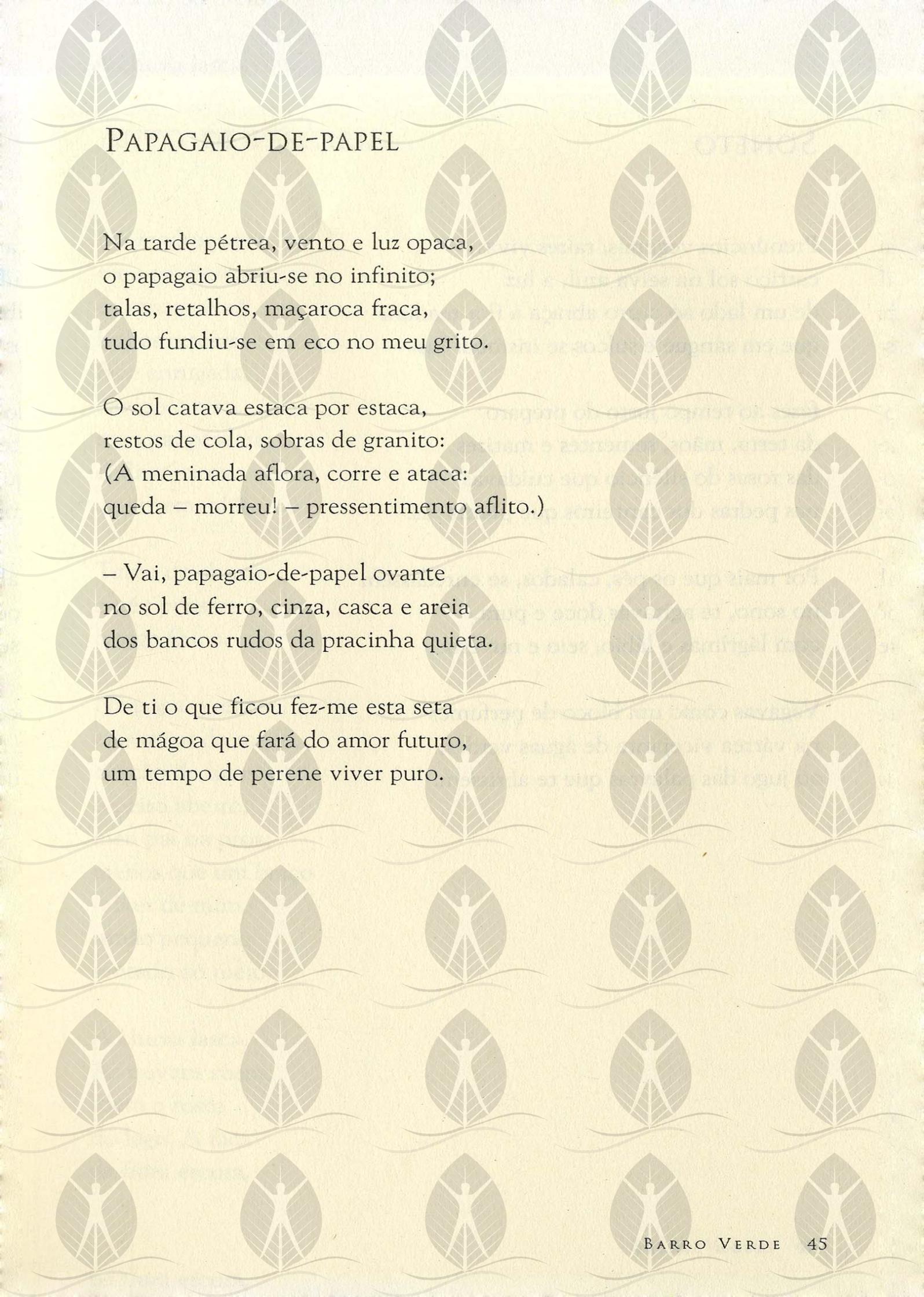
## SONETO DO ENTARDECER NO PORTO

Luz movediça nos beirais pousando,  
violáceos traços restos do horizonte,  
longínquos barcos, mastros se embalando  
na música do dia que se fende

nos brilhos de ternura, mágoa e tédio  
do olhar da moça preso na chegada;  
o porto a pressentir o sortilégio  
do rio, turva a voz cadente, vasta.

Bóiam do cais marcadas de inscrições  
por mãos de marinheiros estrangeiros,  
as bóias solitárias dos galpões.

Assim, eu inscrevi meu barco em arco,  
os gritos laborados na cidade,  
nos muros desse ocaso, curva tarde.



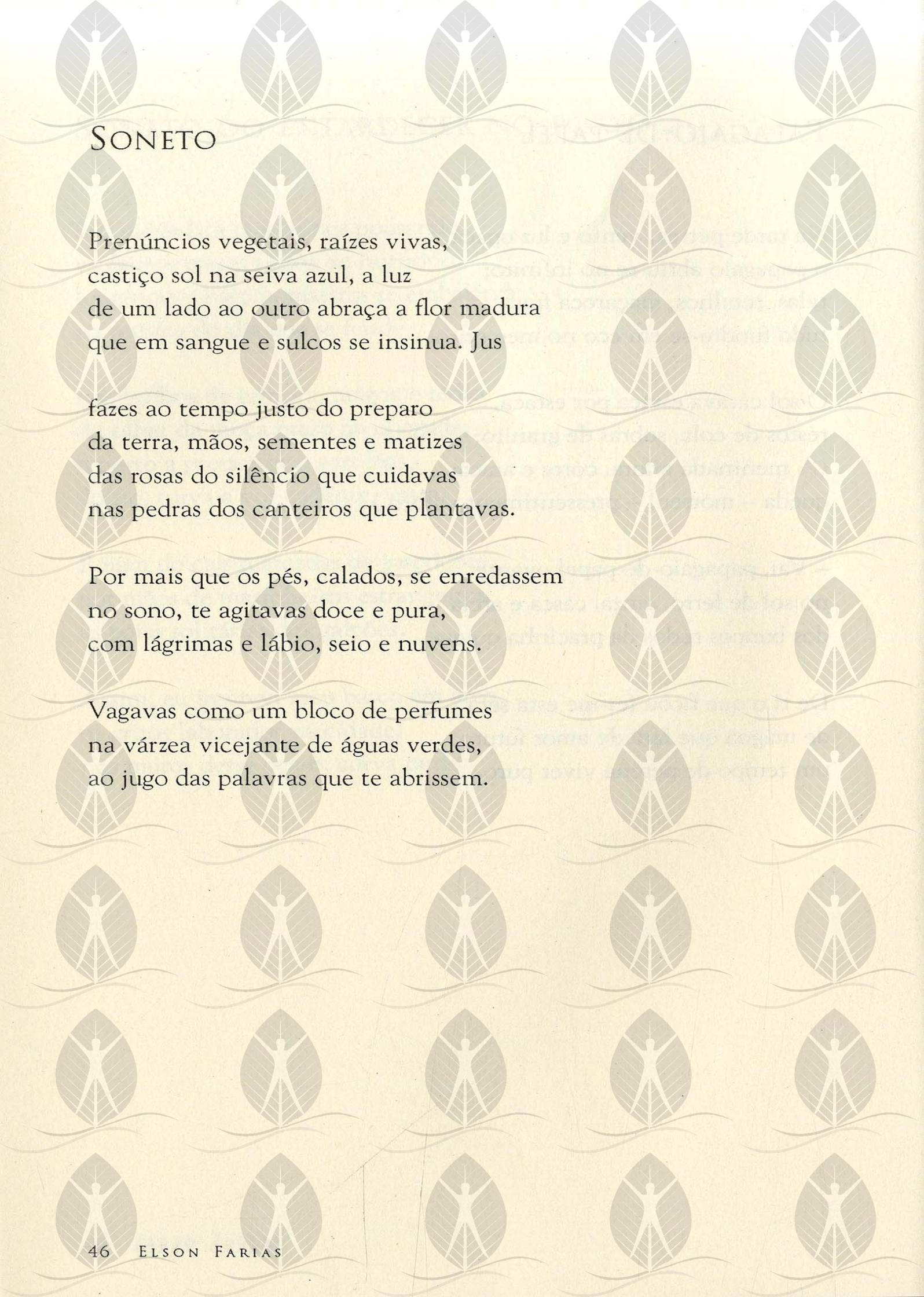
## PAPAGAIO-DE-PAPEL

Na tarde pétrea, vento e luz opaca,  
o papagaio abriu-se no infinito;  
talas, retalhos, maçaroca fraca,  
tudo fundiu-se em eco no meu grito.

O sol catava estaca por estaca,  
restos de cola, sobras de granito:  
(A meninada aflora, corre e ataca:  
queda – morreu! – pressentimento aflito.)

– Vai, papagaio-de-papel ovante  
no sol de ferro, cinza, casca e areia  
dos bancos rudos da pracinha quieta.

De ti o que ficou fez-me esta seta  
de mágoa que fará do amor futuro,  
um tempo de perene viver puro.



## SONETO

Prenúncios vegetais, raízes vivas,  
castiço sol na seiva azul, a luz  
de um lado ao outro abraça a flor madura  
que em sangue e sulcos se insinua. Jus

fazes ao tempo justo do preparo  
da terra, mãos, sementes e matizes  
das rosas do silêncio que cuidavas  
nas pedras dos canteiros que plantavas.

Por mais que os pés, calados, se enredassem  
no sono, te agitavas doce e pura,  
com lágrimas e lábio, seio e nuvens.

Vagavas como um bloco de perfumes  
na várzea vicejante de águas verdes,  
ao jugo das palavras que te abrissem.



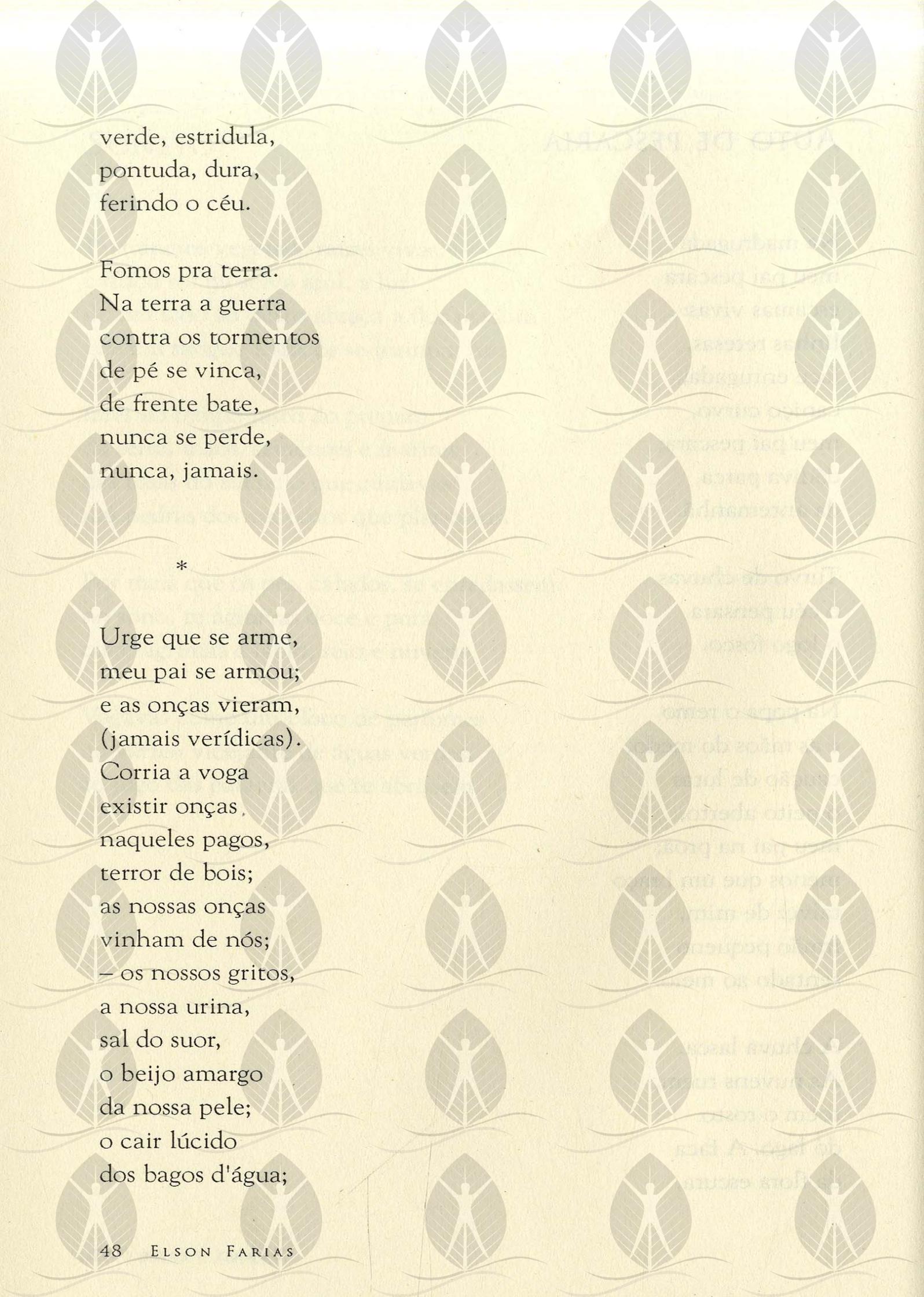
## AUTO DE PESCARIA

Na madrugada  
meu pai pescara  
escamas vivas:  
linhas retesas,  
face enrugada,  
caniço curvo,  
meu pai pescara;  
dádiva parca  
da antemanhã.

Turvo de chuvas  
o céu pensara  
o logo fosco.

Na popa o remo  
e as mãos do medo,  
caução de lutas  
o peito aberto,  
meu pai na proa;  
menos que um braço  
talvez de mim,  
irmão pequeno  
sentado ao meio.

A chuva lasca.  
As nuvens ruem,  
roem o rosto  
do lago. A faca  
da flora escura,

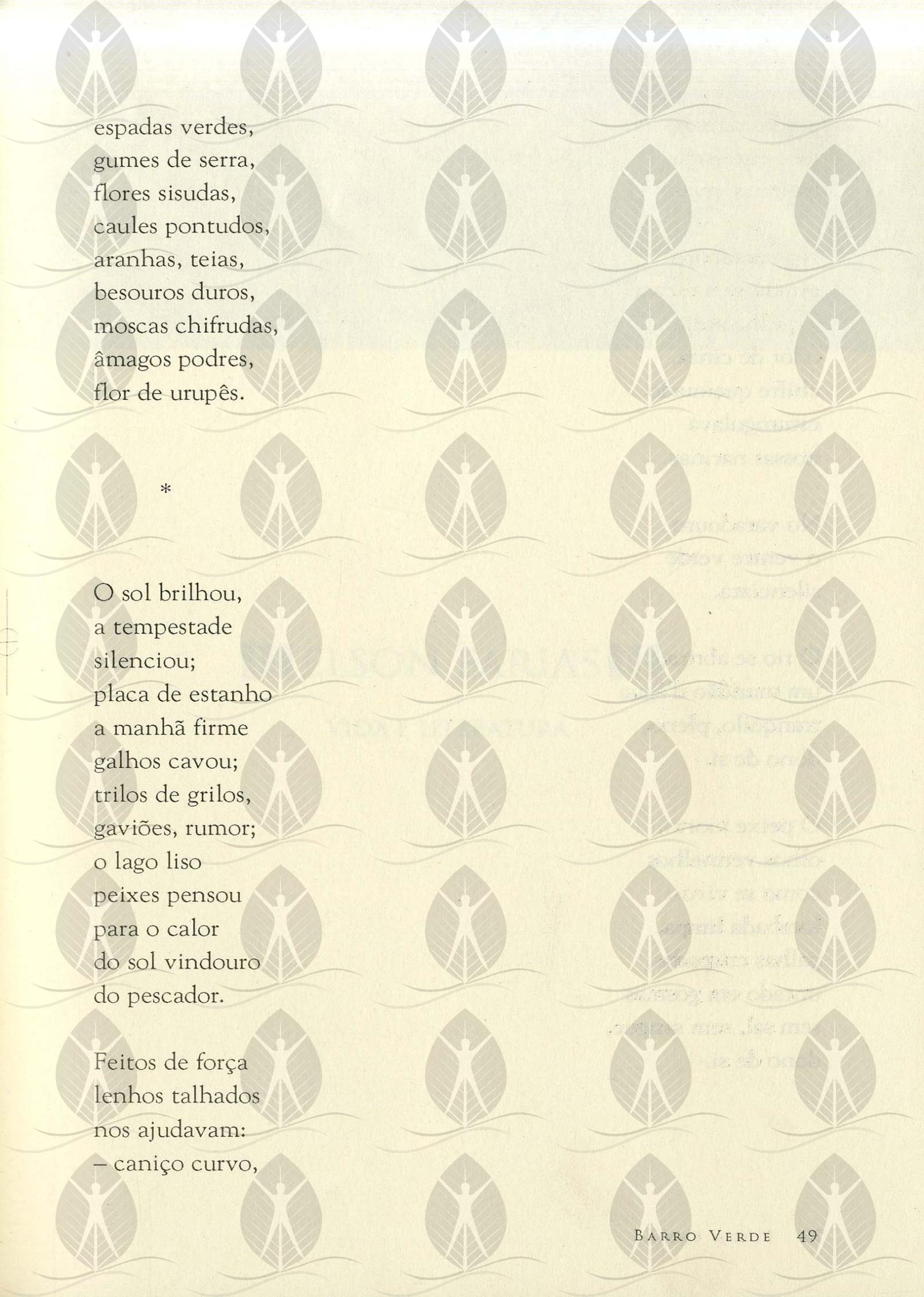


verde, estridula,  
pontuda, dura,  
ferindo o céu.

Fomos pra terra.  
Na terra a guerra  
contra os tormentos  
de pé se vinca,  
de frente bate,  
nunca se perde,  
nunca, jamais.

\*

Urge que se arme,  
meu pai se armou;  
e as onças vieram,  
(jamais verídicas).  
Corria a voga  
existir onças,  
naqueles pagos,  
terror de bois;  
as nossas onças  
vinham de nós;  
— os nossos gritos,  
a nossa urina,  
sal do suor,  
o beijo amargo  
da nossa pele;  
o cair lúcido  
dos bagos d'água;

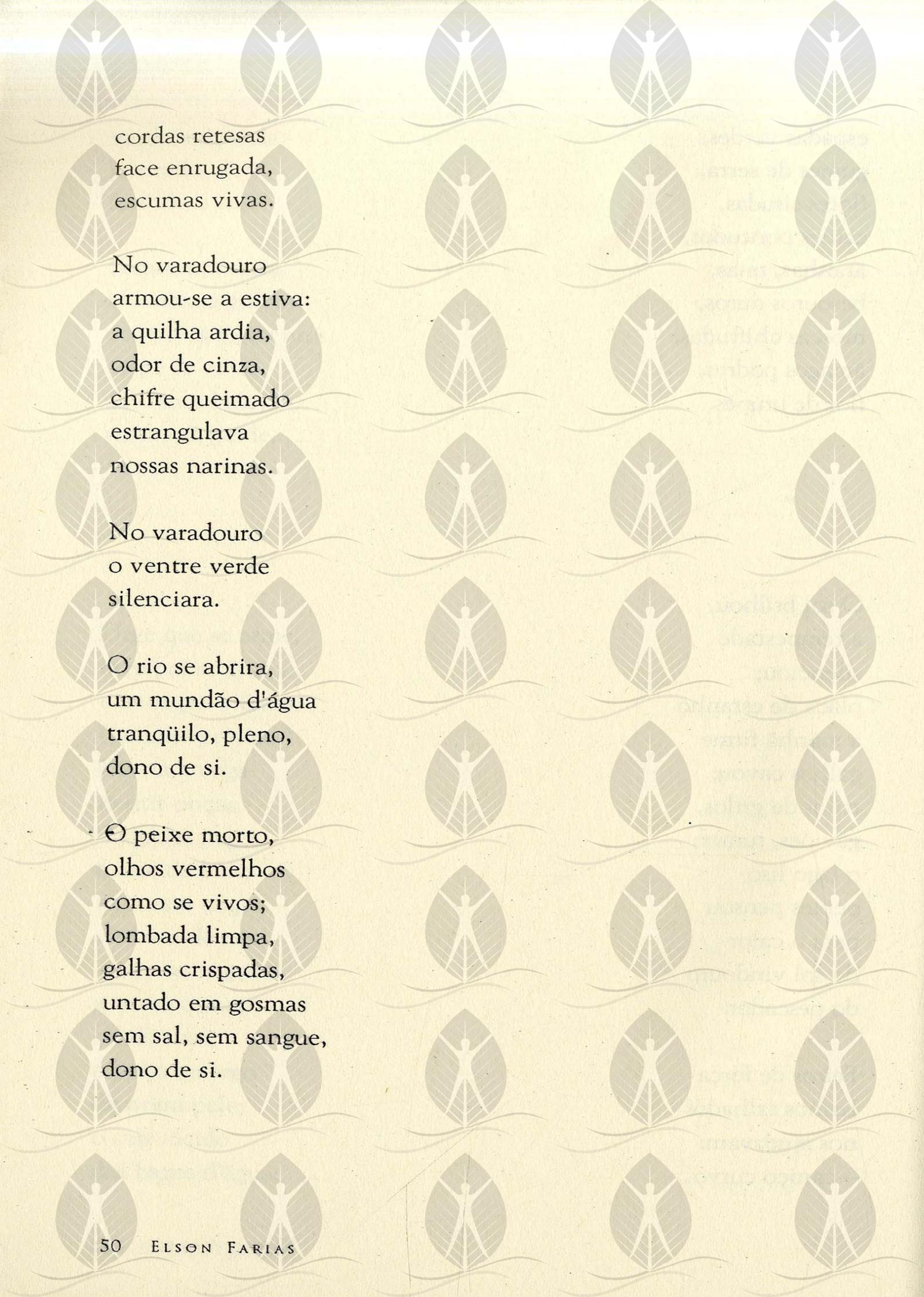


espadas verdes,  
gumes de serra,  
flores sisudas,  
caules pontudos,  
aranhas, teias,  
besouros duros,  
moscas chifrudas,  
âmagos podres,  
flor de urupês.

\*

O sol brilhou,  
a tempestade  
silenciou;  
placa de estanho  
a manhã firme  
galhos cavou;  
trilos de grilos,  
gaviões, rumor;  
o lago liso  
peixes pensou  
para o calor  
do sol vindouro  
do pescador.

Feitos de força  
lenhos talhados  
nos ajudavam:  
— caniço curvo,



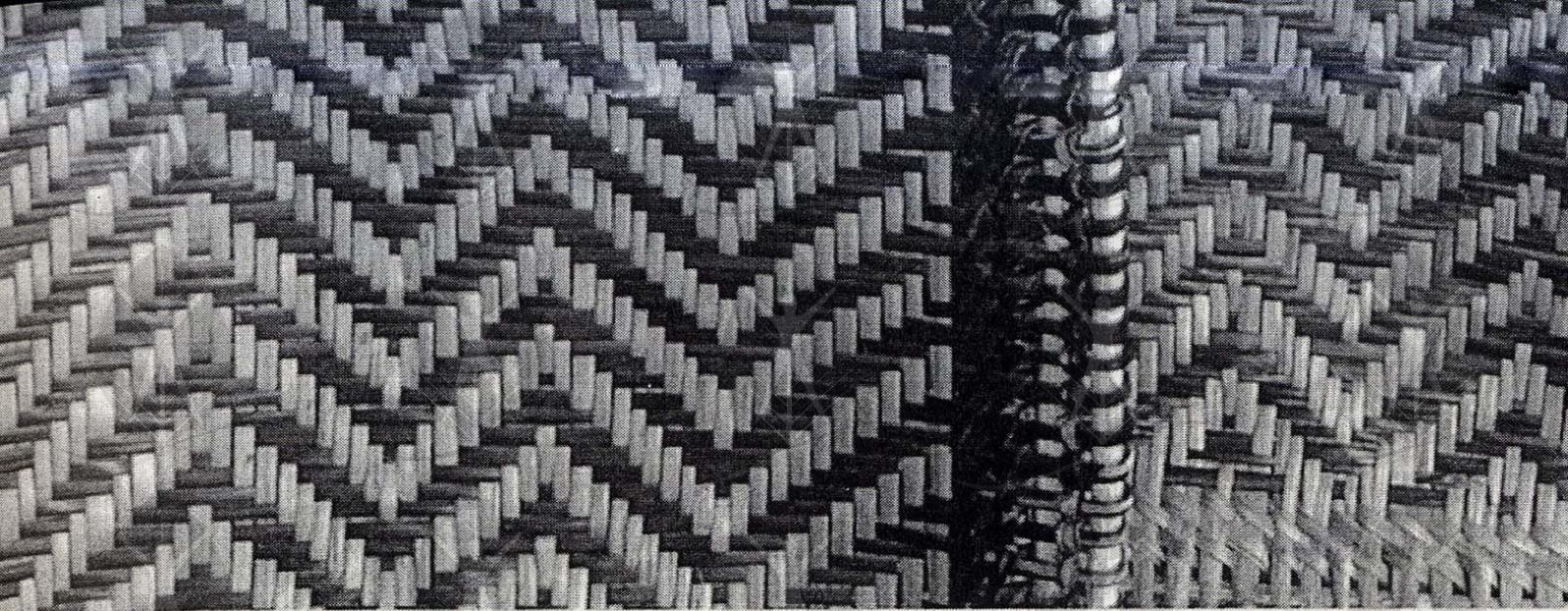
cordas retesas  
face enrugada,  
escumas vivas.

No varadouro  
armou-se a estiva:  
a quilha ardia,  
odor de cinza,  
chifre queimado  
estrangulava  
nossas narinas.

No varadouro  
o ventre verde  
silenciara.

O rio se abrira,  
um mundão d'água  
tranqüilo, pleno,  
dono de si.

O peixe morto,  
olhos vermelhos  
como se vivos;  
lombada limpa,  
galhas crispadas,  
untado em gosmas  
sem sal, sem sangue,  
dono de si.

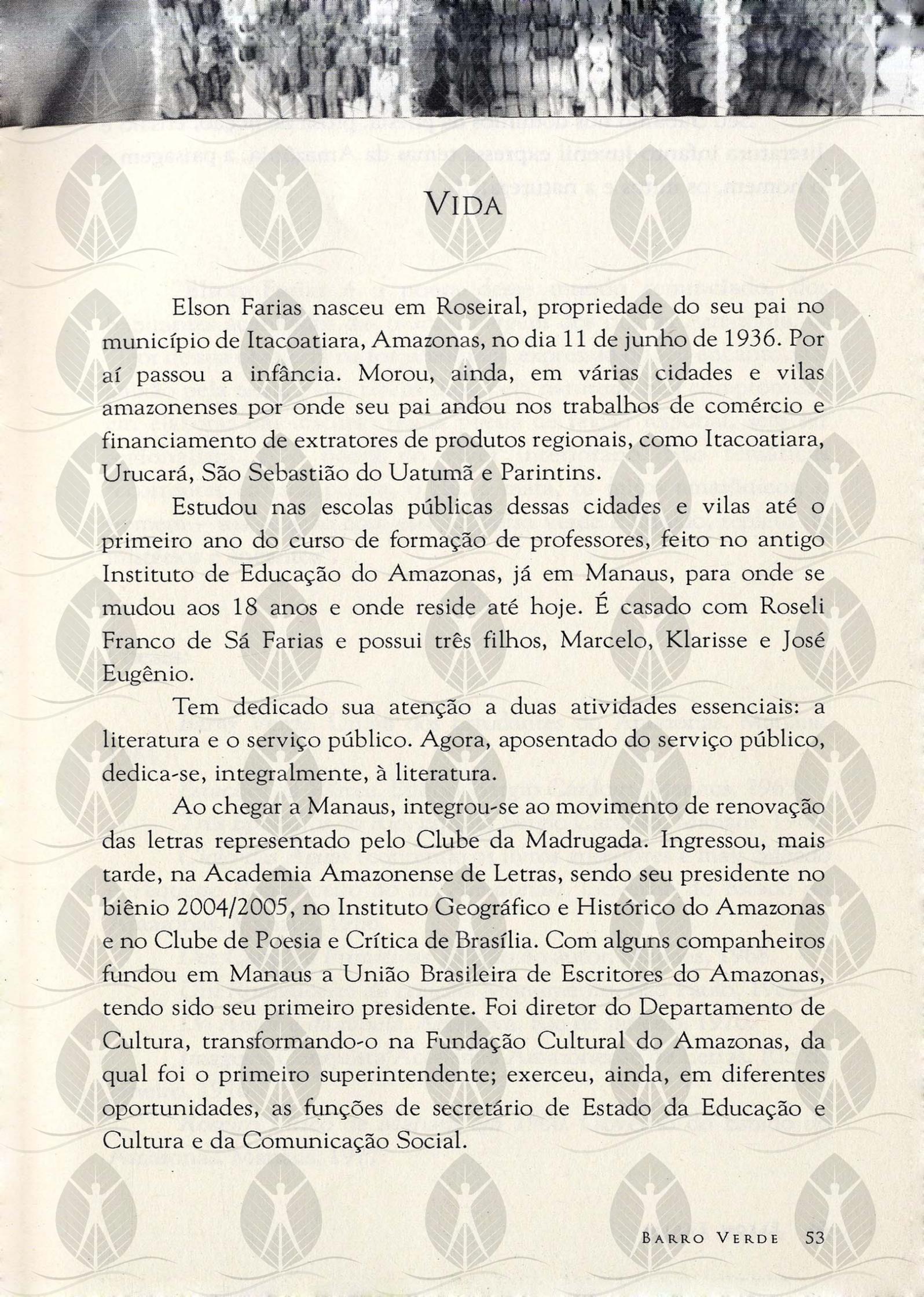


■■■ ELSON FARIAS ■■■

VIDA E LITERATURA







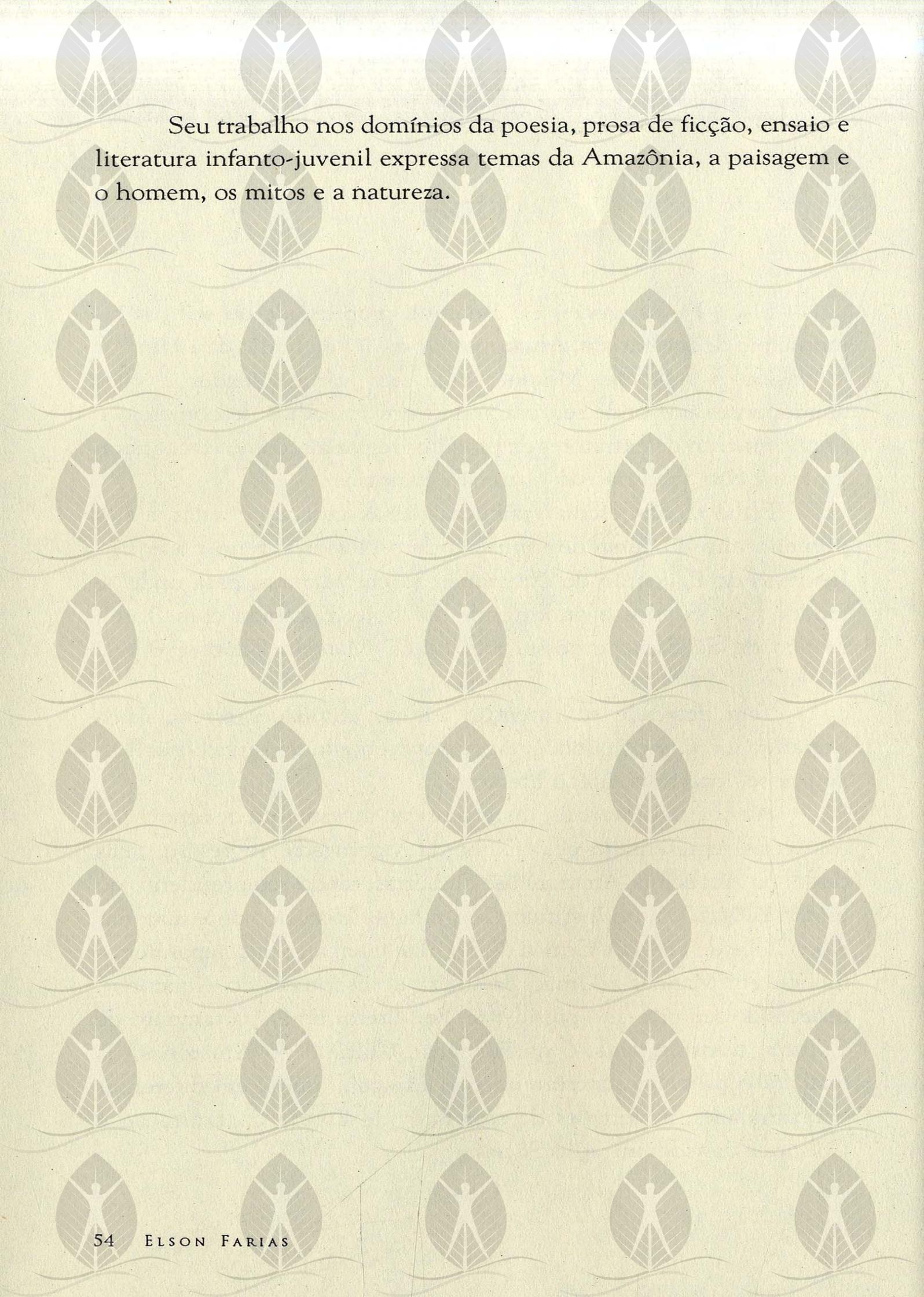
## VIDA

Elson Farias nasceu em Roseiral, propriedade do seu pai no município de Itacoatiara, Amazonas, no dia 11 de junho de 1936. Por aí passou a infância. Morou, ainda, em várias cidades e vilas amazonenses por onde seu pai andou nos trabalhos de comércio e financiamento de extratores de produtos regionais, como Itacoatiara, Urucará, São Sebastião do Uatumã e Parintins.

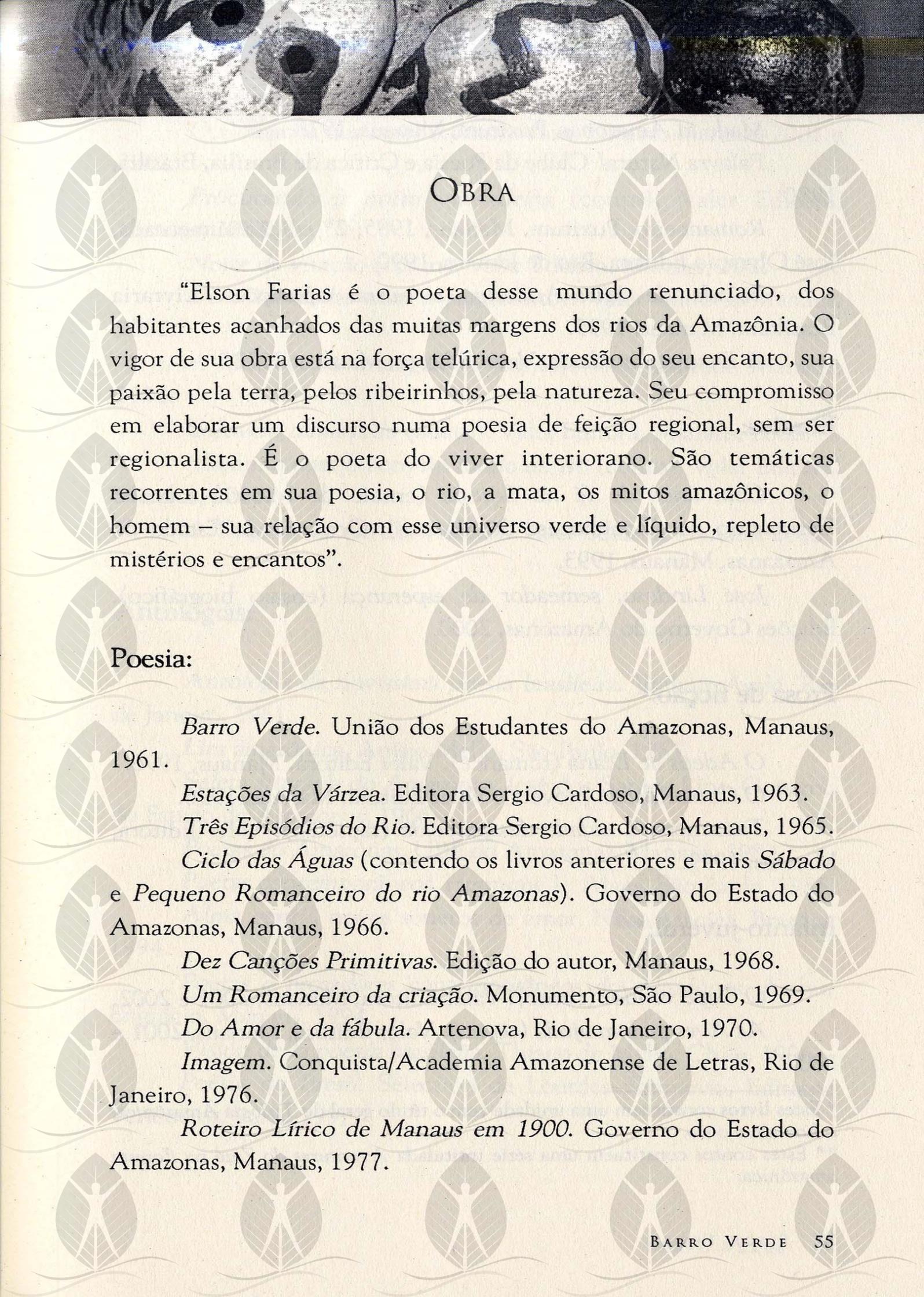
Estudou nas escolas públicas dessas cidades e vilas até o primeiro ano do curso de formação de professores, feito no antigo Instituto de Educação do Amazonas, já em Manaus, para onde se mudou aos 18 anos e onde reside até hoje. É casado com Roseli Franco de Sá Farias e possui três filhos, Marcelo, Klarisse e José Eugênio.

Tem dedicado sua atenção a duas atividades essenciais: a literatura e o serviço público. Agora, aposentado do serviço público, dedica-se, integralmente, à literatura.

Ao chegar a Manaus, integrou-se ao movimento de renovação das letras representado pelo Clube da Madrugada. Ingressou, mais tarde, na Academia Amazonense de Letras, sendo seu presidente no biênio 2004/2005, no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e no Clube de Poesia e Crítica de Brasília. Com alguns companheiros fundou em Manaus a União Brasileira de Escritores do Amazonas, tendo sido seu primeiro presidente. Foi diretor do Departamento de Cultura, transformando-o na Fundação Cultural do Amazonas, da qual foi o primeiro superintendente; exerceu, ainda, em diferentes oportunidades, as funções de secretário de Estado da Educação e Cultura e da Comunicação Social.



Seu trabalho nos domínios da poesia, prosa de ficção, ensaio e literatura infanto-juvenil expressa temas da Amazônia, a paisagem e o homem, os mitos e a natureza.



## OBRA

“Elson Farias é o poeta desse mundo renunciado, dos habitantes acanhados das muitas margens dos rios da Amazônia. O vigor de sua obra está na força telúrica, expressão do seu encanto, sua paixão pela terra, pelos ribeirinhos, pela natureza. Seu compromisso em elaborar um discurso numa poesia de feição regional, sem ser regionalista. É o poeta do viver interiorano. São temáticas recorrentes em sua poesia, o rio, a mata, os mitos amazônicos, o homem – sua relação com esse universo verde e líquido, repleto de mistérios e encantos”.

### Poesia:

*Barro Verde*. União dos Estudantes do Amazonas, Manaus, 1961.

*Estações da Várzea*. Editora Sergio Cardoso, Manaus, 1963.

*Três Episódios do Rio*. Editora Sergio Cardoso, Manaus, 1965.

*Ciclo das Águas* (contendo os livros anteriores e mais *Sábado e Pequeno Romanceiro do rio Amazonas*). Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1966.

*Dez Canções Primitivas*. Edição do autor, Manaus, 1968.

*Um Romanceiro da criação*. Monumento, São Paulo, 1969.

*Do Amor e da fábula*. Artenova, Rio de Janeiro, 1970.

*Imagem*. Conquista/Academia Amazonense de Letras, Rio de Janeiro, 1976.

*Roteiro Lírico de Manaus em 1900*. Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1977.

*Made in Amazonas*. Puxirum, Manaus, 1978.

*Palavra Natural*. Clube de Poesia e Crítica de Brasília, Brasília, 1980.

*Romanceiro*. Puxirum, Manaus, 1985; 2ª edição aumentada, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1990.

*Balada de Mira-Anhangá e outras aparições*. Livraria Brasileira, Manaus, 1995.

*A Destruição adiada*. Valer Editora, Manaus, 2002.

### Ensaaios:

*Cem anos de fé na floresta* (ensaio de história sobre o Centenário da Arquidiocese de Manaus). Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1993.

*José Lindoso, semeador de esperança* (ensaio biográfico). Edições Governo do Amazonas, 2000.

### Prosa de ficção:\*

*O Adeus de Diana* (romance). Valer Editora, Manaus, 1996.

*O Comandante* (novela). Valer Editora, Manaus, 1996.

*Tauacuéra, a cidade desaparecida* (rapsódia). Valer Editora, Manaus, 1999.

### Infanto-juvenil:\*\*

*O Tupé voador* (conto). Valer Editora, Manaus, 2001 e 2002.

*As Aves pedem ajuda* (conto). Valer Editora, Manaus, 2001 e 2002.

---

\* Estes livros constituem uma unidade com o título geral de *Trilogia Amazônica, o homem e o rio*.

\*\* Estes contos constituem uma série intitulada *Aventuras do Zezé na floresta amazônica*.

*O Romance dos sapos* (conto). Valer Editora, Manaus, 2001 e 2002.

*Procurando a noite verdadeira* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*Noite de viração* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*De mãos dadas com a paz* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*A História da inteligência* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*O Jovem tamarindo* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*Viajando com o boto no fundo do rio* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

*A Origem das estrelas* (conto). Valer Editora, Manaus, 2002.

### **Antologias:**

*Antologia da novíssima poesia brasileira*. Walmir Ayala, Rio de Janeiro, 1961.

*Lira amazônica*. Anísio Mello, São Paulo, 1965.

*Seleção literária do Amazonas*. José dos Santos Lins, Governo do Estado do Amazonas, 1966.

*Poetas do Amazonas*. UBE do Amazonas, Manaus, 1982.

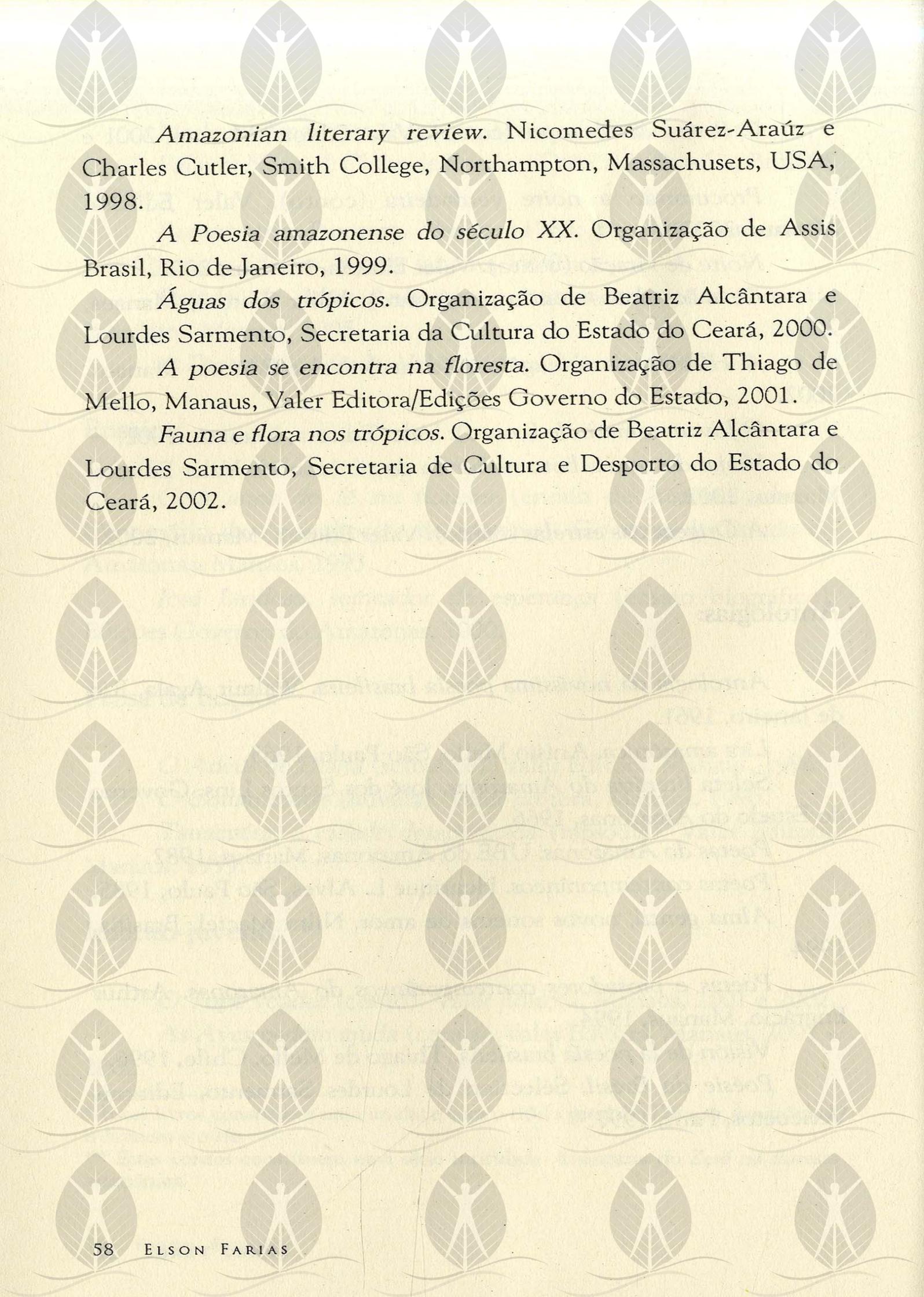
*Poetas contemporâneos*. Henrique L. Alves, São Paulo, 1985.

*Alma gentil, novos sonetos de amor*. Nilto Maciel, Brasília, 1994.

*Poetas e prosadores contemporâneos do Amazonas*. Arthur Engrácio, Manaus, 1994.

*Visión de la poesía brasileña*. Thiago de Mello, Chile, 1996.

*Poésie du Brésil*. Sélection de Lourdes Sarmiento, Editions Vericuetos, Paris, 1997.



*Amazonian literary review.* Nicomedes Suárez-Araúz e Charles Cutler, Smith College, Northampton, Massachusetts, USA, 1998.

*A Poesia amazonense do século XX.* Organização de Assis Brasil, Rio de Janeiro, 1999.

*Águas dos trópicos.* Organização de Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmiento, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2000.

*A poesia se encontra na floresta.* Organização de Thiago de Mello, Manaus, Valer Editora/Edições Governo do Estado, 2001.

*Fauna e flora nos trópicos.* Organização de Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmiento, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002.

## APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Luiz Bacellar

*Barro Verde* representa, para os que vêm tomando parte no movimento de renovação das artes no Amazonas, a cristalização dos ideais de uma poesia autenticamente regional, realizada com uma superioridade técnica até o presente momento nunca revelada.

“A palavra é meio ou fim?” pergunta o autor, levantando o problema da expressão e da comunicação num de seus poemas, no qual “o coração canta como um cântaro canoro” e onde “a flor, palavra por palavra se espoca em verso”.

Sendo, como é, o primeiro fruto de uma permanente e severa fiscalização por parte do autor, do fenômeno a que se convencionou chamar de criação alicerçada na vivência (termo que melhor define, em última análise, a vaga e insípida “inspiração” dos românticos) é de se esperar que os críticos portugueses e brasileiros, venham a colocá-lo, com destaque entre as produções da chamada Geração de 45, na qual, formalmente, se situa. A posição do autor é um aperfeiçoamento, já bastante evoluído esteticamente, da atitude tomada pela geração renovadora que, aglutinando-se, tornou-se conhecida sob a denominação de Grupo Madrugada.

Manejando com perfeição os metros curtos tradicionais na poesia de língua portuguesa, reatualizados pelos poetas de 45, como o “quartel” (verso de quatro sílabas) e as redondilhas, maior e menor, assim como a propriamente dita, Elson Farias nos dá uma poesia límpida e cheia de harmoniosa simplicidade (dessa difícil simplicidade dos bons poetas), revelando uma intensa riqueza de cromatismo no “cristal” de seus poemas e na estrutura pesquisada de seus sonetos decassílabos, que ressaltam sua maturidade de criação.

Sua poesia, impregnada pela frescura de um suave mistério vegetal e telúrico, é uma expressão pura e original da Amazônia, vista através do seu disciplinado temperamento estético: poemas com um cheiro agreste de folhas pisadas, zumbidos de cabas, perfumes silvestres e súbitos brilhos de escamas rompendo a morna quietude das águas dos igapós e dos igarapés, plenos do verde humos das barrancas úmidas; de formas estranhas de plantas exóticas, pistilos que são línguas em corolas vaginais, raízes torturadas mastigando a lama entre frutos apodrecidos e esterco de canguçu e seriemas. Paisagens retorcidas sob um sol equatorial.

Contra a poesia urbana e municipalista que, neste momento, se tem publicado no Amazonas, Elson Farias surge e se lança, em livro com uma faceta nova para os escritores da nova geração: o *Nativismo*. Puro, sincero, escorreito e sem os esnobismos “concretistas” da extrema vanguarda.

Vale ressaltar ainda a perfeita unidade técnica e temática neste livro que, ousamos afirmar, é o que de melhor já foi produzido nestes últimos 20 anos. E isto é, particularmente, um cumprimento às Edições Universitárias que o lançaram.



C O L E C Ç Ã O

RESGATE

BARRO VERDE

Elson Farias

VARANDA DE PÁSSAROS

Jorge Tufic

VISGO DA TERRA

Astrid Cabral

O TOCADOR DE CHARAMELA

Erasmio Linhares

FRAUTA DE BARRO

Luiz Bacellar

AZUL GERAL

Ernesto Penafort

LUNAMARGA

Alencar e Silva

VITRAIS DA BUSCA

Max Carpentier

SOMBRA E ASFALTO

Antísthenes Pinto

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

Arthur Engrácio (Org.)

HISTÓRIAS DE SUBMUNDO

Arthur Engrácio

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

Carlos Gomes

Os livros que compõem a terceira etapa da Coleção Resgate são representativos da produção dos autores que participaram do Clube da Madrugada e ilustram as tendências, temas e preocupações humanas que marcaram a trajetória desse importante movimento cultural do Amazonas. Em reconhecimento pela inestimável contribuição para o enriquecimento de nosso patrimônio artístico, a Editora Valer e seus parceiros pretendem, com este gesto, homenagear os artistas e intelectuais que ajudaram a escrever esse capítulo fundamental da História do pensamento em nossa terra. É um trabalho expressivo de nosso compromisso com a civilização e um ato de amor às palavras, à literatura, à beleza e ao ser humano. Melhor dizendo: é uma celebração e uma homenagem ao Cinquentenário do Clube (que se comemora no dia 22 de novembro de 2004) e também um registro em prol da memória e um ato de resistência à ação corrosiva do tempo. Com isso, queremos deixar registrado o nosso reconhecimento ao esforço intelectual dos jovens que cometeram esse ato de ousadia e o nosso testemunho deste momento significativo em que se comemora os 50 anos de História do Clube da Madrugada. Este livro foi

impresso em Manaus, no mês de novembro de 2004, pela gráfica Grafisa.

Silenciosa em seu  
fluir imutável, a  
vida germina no  
ventre da noite o  
sonho de um  
canto novo, a ser  
entoado pelos  
poetas deste chão.

A madrugada  
amanheceu e o  
tempo se fez luz. Já  
não somos mais os  
mesmos. Que belo

milagre é a vida. E que a  
promessa de um mundo livre,  
justo, cheio de beleza e poesia se  
cumpra. E que, junto com o pão, livros possam  
ser servidos em todas as mesas: no café, no almoço e no jantar.

TENÓRIO TELLES



**N**ascido em Roseiral, município de Itacoatiara, tendo vivido em vários lugares do interior do Amazonas, Elson Farias constrói uma obra permeada por uma atmosfera que em tudo nos faz lembrar o universo interiorano, os dramas e vivências do caboclo, em face de uma realidade silenciosa e perene, preñe de significados e mistérios.

O nosso poeta ribeirinho, cioso das verdades que evoca, retrata de forma simples e profunda os pequenos dramas, as angústias, as aspirações do ser humano esquecido pelos poderes públicos e à margem da civilização, estabelecendo com o mundo natural que o cerca uma relação de interação e identificação. Esse mundo o expressa.

Sua poesia é despida de qualquer resquício de grandiloquência ou falsa expectativa em relação à vida do interiorano; ao contrário, canta as suas dores de homem segregado nos altos rios, nas várzeas, nas noites solitárias e frias, às margens dos grandes rios que irrigam a vida na Amazônia. Tudo é descrito com o máximo de fidelidade, de alguém que viveu esses dramas, superando-se a falsa idéia da imutabilidade do homem sujeito à floresta, submetido aos mecanismos do extrativismo numa luta sem perspectivas. Com Elson Farias, o mundo amazônico é retratado sem preconceito e sem artificialismo,

contribuindo para a superação das duas visões que, ao longo do período que precedeu a instauração do ideário modernista na cultura regional, permearam a literatura que se produziu no Amazonas. Superou-se tanto o infernismo (visão negativa, em que se concebe o universo amazônico como um vasto inferno verde, cheio de mistérios, sombrio) quanto o edenismo (visão paradisíaca da Amazônia, o paraíso verde), afirmando-se uma poesia calcada na realidade interiorana, sem superficialidade, não-fantásiosa.

A grande marca de sua poesia é o telurismo, caracterizado por uma obra que fala da terra, dos rios, das matas, dos mitos e fundamentalmente do homem ribeirinho em estreita relação com esse universo verde e líquido, o que explica talvez o nome de sua primeira obra, *Barro verde*, publicada em 1961. Esta obra é o golpe definitivo nas visões fantásticas da Amazônia, seja a sua vertente infernista, seja a edenista.

Me assumi no barro  
de capins e esterco  
para o canto fresco  
das manhãs da várzea.

Força-me no verso  
– alguidar polido –  
o cuidar do canto  
e o talhar de estátuas.

Verde serás sempre  
e compreenderás  
o meu verso limpo  
de capins crivado.



**UniNorte**  
Centro Universitário do Norte



ISBN 85-7512-141-3



9 798575 121411



## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA